

# SeMentes do Divã

MARIA ROBERTA RODRIGUES DE SOUZA  
(ORGANIZADORA)



# SeMentes do Divã

MARIA ROBERTA RODRIGUES DE SOUZA  
(ORGANIZADORA)



MARIA ROBERTA RODRIGUES DE SOUZA  
(ORGANIZADORA)

## **SeMentes do Divã**

1ª Edição

Quipá Editora  
2024

Copyright © dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

A Coletânea é originada dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) do Curso de Formação em Psicanálise pelo Instituto Contemporâneo de Psicanálise - Pernambuco (INSCOPSI- PE ) disponíveis no Repositório da referida instituição.

#### Conselho Editorial

Ms. Ailton Batista de Albuquerque Junior (Roinuj Tamborindeguy), Universidade Federal de Uberlândia | Ms. Ana Paula Brandão Souto, HUWC/ Universidade Federal do Ceará | Ms. Ana Nery de Castro Feitosa, Universidade Federal do Espírito Santo | Dra. Mônica Maria Siqueira Damasceno, Instituto Federal do Ceará

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

S471 SeMentes do Divã / Organizado por Maria Roberta Rodrigues de Souza. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2024.

86 p. : il.

ISBN 978-65-5376-285-5

DOI 10.36599/qped-978-65-5376-285-5

1. Psicanálise. I. Souza, Maria Roberta Rodrigues de. II. Título.

CDD 150

---

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

Obra publicada em janeiro de 2024

Quipá Editora  
www.quipaeditora.com.br  
@quipaeditora

## APRESENTAÇÃO

É enorme a minha alegria e satisfação de, como Diretor do Instituto Contemporâneo de Psicanálise - INSCOPSI-PE, poder discorrer sobre a primeira obra do projeto SeMentes do Divã.

Tive o privilégio de encontrar a professora e psicanalista Sheila Regina Oliveira, nessa jornada do Curso de Formação em Psicanálise, a quem tenho um grande apreço, por ser a pessoa que fez nascer, em 2023, a ideia do “Projeto SeMentes do Divã”, projeto que está acontecendo juntamente com apoio da Psicanalista Ana Beatriz Ferreira Leão Neves, e das colaboradoras Evelin Vaz da Rocha e Maria Roberta Rodrigues de Souza, com a bela missão de dar vida aos artigos dos estudantes do curso de Psicanálise de nossa instituição.

Nesta 1ª edição do projeto SeMentes do Divã, que vem acontecendo on-line, reunimos um conjunto de acervos de vários temas da psicanálise, com intuito de promover e divulgar os trabalhos dos alunos do Instituto Contemporâneo de Psicanálise, trabalhos estes que vem crescendo significativamente em virtude das pesquisas realizadas para a conclusão da formação.

Os estudantes de psicanálise, os verdadeiros escafandristas da alma, a cada dia mergulham com mais profundidade nos recônditos do inconsciente, em busca de encontrar material precioso para expor em seus artigos, visando uma boa estrutura de ajuda a saúde mental e emocional do ser humano.

Nestas páginas, o leitor fará uma viagem ao mundo dos conflitos, das emoções, ao verdadeiro encontro de sua personalidade. Irão enfrentar seus monstros fantasmáticos, encarar suas neuroses, pois se faz indispensável para diminuir a distância entre a realidade e o mundo da fantasia.

É bom salientar que em breve (e por que não dizer na 2ª edição?) o projeto visará abrir o espaço para outros psicanalistas, também de outras instituições, que já concluíram o curso, ou mesmo aos professores do Instituto, que desejarem explicar suas produções científicas, visando a publicação dos mesmos no espaço acadêmico e reconhecimento do nosso Instituto Contemporâneo de Psicanálise, que abraça esse projeto e impulsiona na sua continuidade.

Edécio Francelino

*Diretor Presidente do INSCOPSI*

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

#### **CAPÍTULO 1** **06**

A Escuta da sintomatologia: Um Olhar do Atendimento Psicanalítico de Pacientes Portadores de Insuficiência Renal Crônica (IRC) em Hemodiálise (HD)

*Andiára Ferreira Suassuna*

#### **CAPÍTULO 2** **20**

A Cabana: uma Releitura Psicanalítica Mediante a Análise Sobre a Consciência de Culpa e a Consciência Moral No Sujeito

*Ana Beatriz Ferreira Leão Neves*

#### **CAPÍTULO 3** **34**

A Dependência Química Como Sintoma Psicopatológico: Um Estudo Em Psicanálise

*Joana D'arc de Brito*

#### **CAPÍTULO 4** **46**

Conflitos Internos Diante da Aceitação da Sexualidade

*Maria Aparecida de Almeida*

#### **CAPÍTULO 5** **55**

A Importância dos Contos de Fadas e das Fantasias na Constituição Psíquica do Sujeito Sob a Ótica da Psicanálise

*Neuza Betencourt De Oliveira)*

#### **CAPÍTULO 6** **70**

Recortes da Obra a Parte que Falta em uma Releitura Para Análise Psicanalítica: Do Objeto de Satisfação à Busca da Completude do Sujeito Desejoso

*Sheila Regina Oliveira*

*Maria Roberta Rodrigues de Souza)*

#### **ÍNDICE REMISSIVO** **86**

## CAPÍTULO 1

### **A ESCUTA DA SINTOMATOLOGIA: UM OLHAR DO ATENDIMENTO PSICANALÍTICO DE PACIENTES PORTADORES DE INSUFICIÊNCIA RENAL CRÔNICA (IRC) EM HEMODIÁLISE (HD)**

*Andiára Ferreira Suassuna*

#### **RESUMO**

Este artigo objetiva examinar e explora a relevância da psicanálise no tratamento do paciente renal crônico em hemodiálise e a averiguação do parecer e a percepção de como a psicanálise é propícia ao ocupar-se da escuta íntima para esclarecer o sintoma via fala do paciente com insuficiência renal em processo de hemodiálise, pautado a partir do olhar da abordagem psicanalítica. Portanto, ao descrever a terminologia sintoma, é apreciável evidenciar os aspectos psíquicos e todo o percurso de vida do sujeito, ocupando-se do sofrimento psíquico suscitado por causa da enfermidade. Todavia, este trabalho corresponde em uma revisão bibliográfica e exploratória quanto a práxis do psicanalista, mediante uma investigação bibliográfica na visão psicanalítica. Tornar-se um doente renal crônico denota experimentar episódios de contenções e infortúnios difíceis intrínsecos à cronicidade da doença e à obscuridade do tratamento. A pesquisa a respeito a importância da psicanálise nesta conjuntura foi estruturada a partir da observação aleatória. A pesquisa valeu-se de uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, na qual foi adotado como método de pesquisa: a investigação bibliográfica norteada pela psicanálise. Mediante a conexão da hipótese estudada com a observação aleatória vivenciada na visita, foi concebível assimilar melhor a condição do doente renal crônico e verificar a necessidade e a importância da psicanálise no atendimento desses pacientes.

**Palavras-Chave:** Doença renal crônica; Hemodiálise; Psicanálise; Sintoma; Escuta.

#### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como temática “A escuta da sintomatologia: um olhar do atendimento psicanalítico de pacientes portadores de insuficiência renal crônica (IRC) em hemodiálise (HD)”. No decorrer deste artigo uma das instigações experienciadas na observação aleatória foi harmonizar a prática da psicanálise com o espaço hospitalar, o que abrangeu considerar sobre argumentos como a transferência, o setting analítico, o pouco tempo de diálogo e a demanda para a análise.

A insuficiência renal crônica, que acomete os pacientes acompanhados no setor de Hemodiálise, é uma doença que, em conformidade com Ferreira e Gorayeb (2015), é

marcada pela redução paulatina e irreversível na taxa de filtração glomerular, ou seja, os rins perdem a aptidão de funcionar no nível mínimo necessário à vida do sujeito.

A hemodiálise é um dos procedimentos mais apropriado para insuficiência renal crônica, a Sociedade Brasileira de Nefrologia (SBN) descreve a HD como um método por meio do qual uma máquina limpa e filtra o sangue, ou seja, faz parte do trabalho que o rim doente não pode fazer. Habitualmente, a hemodiálise ocorre três vezes por semana, com duração de 3 a 4 horas cada sessão, onde a função dos rins é realizada pela máquina, exercendo o seu papel na filtração de substâncias tóxicas e, eventualmente, podem acontecer inconstância do decorrer do procedimento. Por conseguinte, a sessão de hemodiálise é sempre realizada na presença de um médico e uma equipe de enfermagem. Ressalta Macedo (2019) que geralmente, será necessário fazer hemodiálise por toda vida. Salientando que há casos que é possível a realização do transplante renal.

O objetivo deste trabalho consiste em examinar e explorar a relevância da psicanálise no tratamento do paciente renal crônico em hemodiálise e a averiguação do parecer e a percepção de como a psicanálise é propícia ao ocupar-se da escuta íntima para esclarecer o sintoma via fala do paciente com insuficiência renal em processo de hemodiálise, pautado a partir do olhar da abordagem psicanalítica. Haja vista que, o estudo do sintoma acerca da psicanálise Freudiana se relaciona diretamente com a subjetividade, a história de vida do sujeito, as lembranças, fantasias, traumas, e os desejos reprimidos. Esta conceituação extrapola uma doença pesquisada na medicina, na psiquiatria, do que se entende genericamente a enfermidade natural, do corpo adoecido. Todavia, é interessante destacar a estrutura psíquica do sujeito, o que diz respeito ao inconsciente, sendo o sustentáculo dos estudos da psicanálise, e a compreensão da estruturação do indivíduo para com a sua sintomatologia no decorrer da sua construção social. Logo, faz-se necessário salientar que o sintoma está ligado intrinsecamente ao psiquismo do paciente. Visto que, o próprio indivíduo exteriorizam o seu sintoma, doravante ao diagnóstico e de sua individualidade, aquilo que é subjetivo e não ao outro.

Porém, para a psicanálise, a saída da sintomatologia ocorre pelas palavras, fazendo uso do método da associação livre e a escuta, onde o indivíduo fala livremente aquilo que lhe vier à mente, sem ordenar as palavras, sem críticas e julgamentos. Conforme estudos de Bollas (2005), a associação livre é como a palavra complacente, onde o indivíduo resgata sentimentos anteriores, entre as verdades psíquicas e o empenho do Eu com a determinação de esquivar-se da dor por tais fatos. Compreende-se o sintoma como uma



vinculação com o relato de vida do indivíduo, com as suas exteriorizações frente às fobias, e os traumas. Entretanto o bloqueio está tornando-se a cautela, e a angústia a ansiedade.

A propositura é responder à indagação: De que maneira na interpelação psicanalítica, a análise a respeito do sintoma com a aplicabilidade da técnica de escuta analítica da associação livre, torna a psicanálise diferenciada de outras abordagens no que tange ao cuidado com os pacientes com problemas renais?

Preliminarmente, a escolha da temática surgiu a partir da visitação observacional a pacientes renais crônicos durante uma apresentação natalina de um coral ao longo do curso de formação em Psicanálise, relacionando assim o estudo da sintomatologia a partir dos ensinamentos de Sigmund Freud no que concerne ao inconsciente, sendo este o aparelho de estudo da psicanálise e as particularidades intrínsecos que os compõem, em busca de especificar a saída deste sintoma, e o conhecimento de psiquismo na estruturação do aparelho psíquico.

Sob outra perspectiva, visto que o indivíduo reordena o prognóstico em conformidade com o seu anseio. Considerando que, para o paciente com Insuficiência Renal Crônica - IRC o recurso terapêutico ocorre com a utilização da medicação que é uma intervenção para toda a vida, este procedimento pode acarretar uma angústia devido ao comprometimento na vida do indivíduo. Dessa maneira, a psicanálise se declara como uma possibilidade de tratamento. Não obstante, apresentou-se como predileção o estudo da psicanálise no tratamento de pacientes com IRC empregando desse modo o seu dispositivo de oitiva em uma observação além da consciência, o estudo do inconsciente humano.

Da perspectiva metodológica, o presente artigo, sustenta-se de uma pesquisa bibliográfica, com evidencia nas pesquisas nos questionamentos psicanalítico, da interpretação do sintoma face à escuta do sofrimento psíquico fundamentado na abordagem psicanalítica, e a interiorização do sintoma a partir de sua subjetividade nos estudos do paciente renal crônico e a psicanálise, fundamentado nesse assunto, tal pesquisa é de natureza qualitativa, que são os dados coletados, as amostras, e os instrumentos de pesquisa, dos seus pressupostos teóricos para a investigação (GIL, 2002). A respeito da revisão dos estudos da psicanálise no que se refere ao estudo do conceito de sintoma, com a finalidade de responder a problemática inicial deste trabalho, no que concerne à escuta da sintomatologia do sofrimento psíquico do paciente renal crônico, e no que se difere a psicanálise das demais interpelações.

Ademais recorreu dos estudos de artigos publicados em revistas periódicas por meio eletrônicos, e pesquisa própria da temática nos livros de perspectiva psicanalítica. A

pesquisa bibliográfica alicerçada a utilização de um material já elaborado, que foi escrito com base em livros e artigos científicos (GIL, 2002). Na qual, compõe-se de referências para aprofundamento e embasamento do estudo.

Finalmente, este artigo procura esclarecer a importância do psicanalista no tratamento de pacientes diagnosticados com IRC (Insuficiência Renal Crônica).

## **BREVES REGISTROS SOBRE O CORPO MÁQUINA E O CORPO PARA A PSICANÁLISE**

Quando falamos em corpo se imagina logo a concepção da estrutura da figura humana, ou seja, o corpo natural com toda a sua anatomia, o corpo do qual se simboliza o homem.

Desde do século XX, o mundo foi marcado pelo desenvolvimento técnico científico e justamente na segunda metade do século XX, as grandes revelações científicas e o crescimento tecnológico favoreceram para se debater compleições da condição humana, estimulado assim, grandes desenvolvimentos no campo das ciências. Passa a se ter uma nova inspiração dos cuidados terapêuticos, e assim cuidar do corpo com um olhar apropriado com a nova realidade.

Nessa conjuntura em que o desdobramento técnico científico impulsionou o progresso, afetando a vida do homem e influenciando na cultura deste, a psicanálise chega com um papel pertinente, porque trata o corpo de forma significativa, um corpo biológico, orgânico, mas inseparável do psíquico e da subjetividade do sujeito.

A psicanálise estuda o corpo como algo que não condiz exclusivamente com o organismo, pois o sujeito interpelado por ela, não é determinado como um ser único é o corpo marcado pelo desejo inconsciente, em que a expressão desempenha a suas leis, é o corpo linguagem, significante constituído um todo, em que seu funcionamento deve ter ligação com a histórica desse sujeito.

Freud (1915), ao vincular corpo biológico com corpo representado, posiciona a pulsão como algo significativo nessa ligação, pois ela é um espaço de requisito feita à mente no sentido de trabalhar em consequência com o corpo. Ainda em Freud (1915), diz que as ideias sexuais recalçadas conseguiriam causar efeitos sintomáticos no corpo do sujeito e que este poderia ser tratado a partir da análise.

A psicanálise é então o acesso para refletir e ponderar esse corpo que se apresenta na clínica, o corpo que exige modificação emblemática, que faz a leitura subjetiva do sujeito.

No que concerne ao paciente renal, este se encontra com uma nova realidade de vida determinada pela doença e que no campo da subjetividade a hemodiálise acarreta consequência nestes, já que, as reações psicológicas influenciam, pois o corpo da psicanálise se associa ao biológico e sendo a hemodiálise o tratamento que modifica o cotidiano do paciente, feita através de uma máquina, a diálise, que bombeia o sangue e depois da filtragem volta para o corpo do paciente. A máquina é que os mantém vivos, tendo seu emocional afetado, o sofrimento psíquico é percebido e sentido nas mudanças que se dão no corpo.

Todo o procedimento do adoecimento ocasiona um rompimento no curso da vida do paciente, as alterações sofridas pelo corpo, e o emocional abalado, suscita nova forma de vida, pois o corpo trespassa por alterações, é para o paciente uma nova circunstância, uma modificação súbita em que o sujeito se vê defronte de uma nova vida, que ignora seu psíquico e social, necessitando de auxílio para descobrir um encorajamento inconsciente para seus comportamentos e atitudes.

Segundo Almeida (2008) ouvindo a dor, o sofrimento e indagando com o paciente renal, a psicanálise cria no sujeito recursos para meditar sobre o posicionamento que ele assume diante do outro e seu desejo, que garante a sua sobrevivência no tratamento e reações após este.

É nesse cenário de aflição que a psicanálise surge como um sustentáculo articulando entre as resistências psíquicas do corpo biológico do sujeito, indagando e participando desta ocorrência, gerando assim circunstância para uma nova análise do paciente.

O corpo de que cuida a medicina é divergente do corpo na perspectiva da psicanálise, visto que a medicina trata do corpo enquanto organismo, ou seja, composto de órgãos com suas funções, já a psicanálise, vislumbra o corpo tecido pelo sexual e pela linguagem, voltado particularmente para a dimensão subjetiva, marcado pelo desejo inconsciente, o corpo do eu.

Portanto, é na clínica que se designa estas transformações mediante a escuta, pois o médico na escuta do corpo biológico se apossa de diversos processos que lhe usufruem, é a escuta rigorosa do corpo organismo, em contrapartida o analista na clínica executa a escuta em conformidade com o relato do paciente, ou seja, a partir da linguagem. Dar-se lugar a subjetividade do paciente. O corpo que é disponibilizado nessa escuta extrapola do que consiste no corpo biológico, sendo que, o corpo organismo não é o eu e nem a constituição da subjetividade do sujeito. Nos pressupostos freudianos o conceito de corpo

está conectado ao eu, pois ele diz que o eu, é, antes de tudo um eu corporal, o aspecto do corpo é a substância constituída do eu.

Torna-se imprescindível determinar o que a clínica psicanalítica consegue e necessita experienciar e disseminar o que empreender para que a escuta seja pertinente, originando do que seja o corpo no conceito psicanalítico, em conformidade com os fundamentos freudianos, para que se consiga compreender o exercício da escuta. Em se tratando de pacientes renais crônicos, no decorrer de todo o processo do tratamento as implicações da hemodiálise, a escuta parte das hipóteses de que o corpo é inerente do eu, a figuração de similitude de corpo dar-se por intermédio de uma fantasia consubstanciada do outro que faz com que o eu insatisfatório se antecipe de forma imaginária.

Se a psicanálise assim descreve o corpo, é imprescindível que na clínica com pacientes renais seja assinalado esse conceito de corpo na escuta do paciente, visto que, o inconsciente se manifesta na linguagem.

A escuta psicanalítica do Portador de Insuficiência Renal Crônica - IRC é um instrumento valioso para a ressignificação do seu sofrimento e uma possibilidade de designar novos recursos psíquicos de enfrentamento da doença. Simonetti (2015) ressalta a relevância dessa escuta no atendimento ao doente:

Essa função do analista de escutar por si só pode ser terapêutica, proporcionando certa contenção, evidenciando que a pessoa não está sozinha em sua dor. Além do mais, não se trata apenas de escutar. À medida que o paciente fala, ele também se ouve, podendo assim surgir o novo, acarretando modificações. (SIMONETTI, 2015, p.162).

Destarte, os pacientes renais adequam-se ao novo frente a doença, com alterações emocionais e comportamentais diante do sintoma. Para Fiori (1981-1982, p.46), quando acompanhamos outros casos de doenças mentais, recebemos sempre o sintoma como um sucessor do episódio traumático reprimido. Compreende-se assim, para a psicanálise o sintoma como o conteúdo reprimido pelo paciente.

A hemodiálise transfigura-se um agente estressor neste espaço, sendo sujeitado a circunstâncias incômodas, bem como a implantação do cateter ou da fístula. Deste modo, sujeitando-se de cautelas importantes e submissão do outro para estas cautelas no quesito fundamental de limpeza e aceitação terapêutica. Para o autor,

Além das condições associadas ao tratamento, os pacientes em diálise têm outras causas de estresse, como dificuldades profissionais, redução da renda mensal, diminuição da capacidade ou do interesse sexual, medo da morte, restrições dietéticas e híbridas, alterações na imagem corporal e práticas específicas de

higiene, tornando necessário um suporte social psicológico e educacional como parte integrante do tratamento (GALVÃO; SILVA; E SANTOS, 2019, p. 182).

Consequentemente, a nova rotina abala o emocional e o psicológico dos pacientes. O próprio compreende a relevância do tratamento e inevitabilidade dele para sua vida, sucedendo assim fatores de estresse, afloramento da depressão, ansiedade em virtude da nova vida.

Portanto, evidencia-se a indispensabilidade do psicanalista para percorrer junto ao paciente esse caminho de longa duração, para que não se coloque em uma pessoa de culpa, mas em um lugar de possibilidade de transformação, bem como a doação de um transplante, motivo de grande possibilidade para que retome o seu hábito de antes, sem a submissão da máquina de hemodiálise.

Para Cremasco e Rudnicki (2018, p. 126) “[...] os atendimentos psicológicos voltados a enfermos renais crônicos visam proporcionar melhores respostas de enfrentamento do processo de adoecer, proporcionando adesão e adaptação ao tratamento”. Trabalhando assim a aceitação do tratamento, com o propósito de propor um bem-estar na melhoria de qualidade de vida, aplicando-se uma escuta ativa no que concerne a totalidade do paciente em relação a história de vida, conhecê-lo além de um diagnóstico. Outro motivo a ser analisado no tratamento de renais crônicos, são as suas particularidades subjetivas no que diz respeito às suas individualidades. Que deve ser levado em consideração nessa nova adequação de realidade.

Nesse mesmo enfoque, além disso se evidencia os atendimentos no contexto hospitalar, de maneira efêmera e focal a partir do início do diagnóstico até o transcorrer do acompanhamento do tratamento, sendo o psicanalista necessário na equipe multiprofissional.

Tal procedimento acontece de maneira breve, com enfoque diferenciado da psicologia clínica. O mesmo dispõe como propósito a escuta ativa do fenômeno que lhe ocasiona sofrimento psíquico. Entretanto, ao embrenhar no contexto hospitalar, a mesma parte da hipótese de celeridade, considerando que o setting terapêutico é diferente daquele apresentado na clínica. No ambiente hospitalar, busca-se a escuta ativa focal e breve. Com orientação psicanalítica a partir da fala livre do cliente. A fim de amenizar o sofrimento presente naquele momento.

## A PSICANÁLISE NO AMBIENTE HOSPITALAR

Antes de ponderar sobre a Psicanálise no ambiente Hospitalar, é pertinente que se execute uma rápida abordagem sobre a prática psicanalítica, para que se possa entender qual é o papel do psicanalista, independente do lugar onde atua.

Na presença do adoecimento, vale ressaltar que o papel da psicanálise no hospital está traçado pela ética da fantasia e aprecia a singularidade do caso a caso, visto que cada um encara o adoecimento de uma forma particular. Não se refere de ensinar ao paciente como experienciar a doença, mas sim de ampará-lo a encontrar sua fórmula capaz de fazer isso. O que conseguiria ser explicado, congruente a ideia da ética do desejo, como uma interrogação feita por parte do analista que interroga o paciente acerca do que ele quer e a essa questão este paciente a responder. Sobre essa prática psicanalítica, Simonetti (2015) cita Carvalho e Couto (2011):

O ato analítico convida o sujeito a caminhar a seu modo, e o que visa não é da ordem de uma adaptação, mas que cada um possa encontrar uma solução particular diante do sofrimento, do conflito, das situações geradoras de angústia (CARVALHO; COUTO, 2011 *apud* SIMONETTI, 2015, p. 139).

O indivíduo não pode ser resumido ao fenômeno embora a doença diminua, de maneira evidente, a aflição a uma circunstância do corpo. É curioso apresentar que a definição de sintoma é divergente para a medicina e para a psicanálise.

Segundo Antônio Quinet (2011), o sintoma médico está conectado ao formato como se manifesta a doença, e se liga reiteradamente a outras sintomatologias cujo conjunto determina a doença. O sintoma em medicina se contrasta ao estado de saúde, tornando a interpretação do sintoma um significante que é sempre patológico. A medicina converte o sintoma em elemento expressivo e que dá a entender, formalmente, a doença como veracidade momentânea do sintoma. Para a psicanálise, o sintoma também é um significante, todavia não acarreta esse significado patológico, trata-se da verdade do sujeito do inconsciente.

Projetar o espaço da psicanálise no hospital excede a análise do discurso do médico e do analista, abrange questões como a transferência, o *setting* de atendimento, o tempo breve em análise, o psicanalista e a equipe multidisciplinar e a demanda de análise. Como mencionado preliminarmente, a psicanálise tem como instrumento de trabalho a associação livre de ideias, diretamente a associação livre de ideias dirigida ao analista e esta associação conduz no cenário transferencial que envolve os dois participantes.

Segundo Simonetti (2015), no hospital a transferência inicial é com o médico, haja vista que a ele são geridos tanto o pedido de assistência quanto o prognóstico do saber. No entanto, essa é somente uma condição preliminar, pois o setting ocasionalmente logra idealizar uma transferência, edificada mediante da oferta que cria a demanda, tornando realizável a prática da psicanálise e apoiando a emergência do sujeito.

Para Simonetti (2015), discorrer sobre a psicanálise no ambiente hospitalar é considerar que quando o psicanalista adentra nesse ambiente, ele abandona a sua poltrona, o divã, a privacidade e a quietude do seu consultório para se acomodar em um novo *setting*, onde não há lugar característico para o atendimento psicanalítico. Isso acontece haja vista que quando a cena hospitalar foi preparada, não se pensou no psicanalista, ele é personagem muito contemporâneo dentro desse ambiente que têm de se ajustar ao espaço hospitalar. A sua função se dá, pois, sem abdicar sua ética profissional pautada na livre associação e na escuta a partir da posição de analista e propiciando a emergência do sujeito durante a travessia do adoecimento.

Sobre o *setting* analítico Moretto (2001) relata:

Partindo da visão lacaniana das condições de possibilidades da Psicanálise e do fato de que a garantia dela não está num setting ideal, entendemos que a Psicanálise ultrapassa as fronteiras de um consultório bem mobiliado para descobrir que o Inconsciente não está nem dentro nem fora, ele está aí onde o sujeito fala. Portanto o manejo do discurso de um analisando, aquele que demandou saber, pode perfeitamente acontecer quando ele está num leito de hospital, e que leito pode ser, assim como é o divã ético, leito de se fazer amor de transferência (MORETTO, 2001, p.101).

No hospital, ambiente de múltiplas formas de sofrimento, o psicanalista, mediante seu acompanhamento, escuta e intervenção, ampara a dimensão subjetiva e a carência do sujeito. Para Mohallem (2003), perante da emergência do trágico, do acidente e do vazio sofrido pela pessoa nesta circunstância, a missão do analista é conceber uma condução que viabilize ao sujeito designar uma borda pela via da urgência subjetiva. A autora salienta que ao atuar desta forma o analista facilita que o sujeito escreva sua própria história, trazendo em si sua singularidade.

## **O ATENDIMENTO PSICANALÍTICO AO PORTADOR DE INSUFICIÊNCIA RENAL CRÔNICA EM HEMODIÁLISE**

Ser acometido pela Insuficiência Renal Crônica - IRC denota percorrer maior parte de sua vida em hospitais, clínicas ou ambulatórios, sujeitado a um procedimento severo. Segundo Diniz, Filho e Lima (2002), retratar as questões emocionais do paciente renal crônico é, inicialmente, transpor um caminho sinalizados por danos que incluem bem mais do que a perda da função renal.

A fim de que o psicanalista consiga assimilar o desempenho da enfermidade experienciado pelo doente renal crônico é relevante que ele acompanhe os conflitos emocionais existentes nesse processo. Ferreira e Gorayeb (2015) reiteram que o doente renal crônico, vivência desapontamento de diversas ordens: oral (dieta sem sal e hipoproteíca, restrição hídrica), sexual (diminuição da libido, disfunção sexual), profissional e social. Tais pacientes se vivem abatidos, com dores de cabeça e em outras partes do corpo. Ademais, o corpo físico se debilita precipitadamente, dando lugar a uma aparência peculiar do paciente renal crônico, uma compleição explícita pela existência de fístulas e cateteres e pela alteração da cor da pele e do peso corporal. Esses são aspectos que envolvem a própria identidade, sendo capaz, inclusive, acarretar uma sensação de inferioridade, baixa autoestima e depreciação nesses pacientes.

As necessidades psicológicas manifestam-se no formato de indagações e inquietações do paciente no que se refere ao diagnóstico e ao tratamento, de dificuldades perante a aceitação ao tratamento e da inadequação à nova situação de vida. Diante desses entendimentos, ao ofertar uma escuta psicanalítica dentro do setor de hemodiálise, o analista assegura uma oportunidade na qual os pacientes consigam expor os seus sentimentos, angústias e medos.

A angústia e o desgaste emocional que abrangem o paciente renal crônico em hemodiálise reforça a importância do psicanalista como integrante da equipe de Nefrologia. A hemodiálise, é um dos procedimentos dialíticos que consente que o paciente com insuficiência renal crônica consiga permanecer vivo. Os pacientes que precisam dessa intervenção são conduzidos para uma clínica de hemodiálise, que é possível ser intra-hospitalar ou extra hospitalar. As salas de hemodiálise, normalmente, não dispõem de janelas, e a iluminação é absolutamente artificial. Essas salas possuem inúmeras máquinas, sendo capacitadas para acolher até 20 pacientes, os quais ficam em poltronas totalmente reclináveis, com dois apoios para os braços.



Esse espaço de hemodiálise onde os pacientes mantêm-se conectados às máquinas em busca da manutenção da vida, é descrito por Carbone (2013):

Sentados em círculo em torno do salão, fora observar a rotina médica e da enfermagem, não resta muito a fazer. Eventualmente ensaiam uma brincadeira, jogam baralho ou simplesmente provocam uns aos outros, mas logo se desinteressam e passam a concentrar-se nos procedimentos médicos, nos apitos das máquinas ou simplesmente, cobrem à cabeça e desligam-se. Em meio a essa rotina tediosa estão presentes as intercorrências, como dores, vômitos, choros, câimbras e febres. (CARBONE, 2013, p. 3).

Diante desses danos, peculiares à constância da doença renal crônica e à complicação do tratamento, a oferta da psicanálise no ambiente hemodialítico procura transportar para o mundo das palavras a angústia experienciada pelo paciente. Dar voz à subjetividade desse paciente é fazer aflorar o sujeito que foi suprimido pelo discurso médico, durante o processo do adoecimento.

O psicanalista disponibiliza ao doente renal crônico sua escuta analítica, que, segundo Freud, "consiste simplesmente em não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma atenção uniformemente suspensa' (atenção flutuante) em face de tudo o que escuta" (FREUD, 1912, p. 125). Essa escuta possibilita que o paciente discorra a respeito de si próprio, para que ele seja capaz de, através da livre associação, comentar o que sabe sobre o sujeito que foi excluído durante o processo do adoecimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer da elaboração deste artigo, é evidente descrever fundamentado nas bibliografias referenciadas a relevância no tocante a temática, como instrumental para a psicanálise. Na qual, salienta os pacientes renais crônicos no tratamento de hemodiálise, o advento do sofrimento psíquico e a privação da independência nas características físicas e intrínseca em consequência do diagnóstico e do tratamento. Por conseguinte, os aspectos psicológicos são lesionados disfarçadamente neste processo de enfermidade, demandando a psicanálise na intervenção do seu estado psíquico, aonde vai muito além de um adoecimento, embrenhando assim em sua história de vida nas suas características subjetivas e emocionais, na percepção das suas limitações enquanto paciente renal.

Portanto, o artigo partiu da perspectiva da psicanálise no tempo em que pesquisas na abordagem psicanalítica, onde foi possível constatar as indagações ali apresentadas, e as

insuficiências financeiras e psicológicas em consequência do tratamento. Neste procedimento terapêutico, necessitam levar em consideração múltiplos aspectos além do que é difundido, é fundamental investigação minuciosa conceitual sobre do procedimento para a restauração subjetiva de independência dos pacientes e para que eles sejam capazes de assimilar o seu sofrimento.

Em conformidade com a teoria psicanalítica, no âmbito dos suportes com pacientes com insuficiência renal, compreende-se como uma indagação de entendimento do sintoma não somente decorrente da doença, mas a necessidade de entender o mesmo e ocupar-se a começar da sua subjetividade, considerando a história de vida do paciente, especificando assim o sujeito antes do diagnóstico. Para que assim dê a continuidade na escuta, o paciente entende-se em sua generalidade, o seu tormento, e suas emoções. ocupando assim dentro da psicanálise, a escuta ativa sem julgamentos, não evidência meramente no aqui agora. Amplia ainda, a ciência no âmbito hospitalar com o modelo de atendimento, tendo foco na psicoterapia breve, e o setting terapêutico no transcórrer do tratamento, ouvindo paciente em sua totalidade.

Finalmente, diante do contexto e os estudos abordados sobre a escuta do sintoma do paciente renal crônico em hemodiálise, observa-se a relevância do profissional psicanalista na atuação hospitalar, com o manejo técnico conforme a demanda relatada em cada atendimento. Todavia, há carência de investigar e procurar estudar mais sobre a temática, já que se trata de um quadro irreversível. reconhece-se oportuno demonstrar que a escuta psicanalítica é uma parte significativa do processo de atendimento ao DRC hemodialíticos, que abarca a participação de uma equipe multidisciplinar. Espera-se que este trabalho auxilie para fomentar mais estudos sobre a prática psicanalítica no ambiente hospitalar e na assistência do DRC em hemodiálise. Especialmente, anseia-se que essas considerações estimulem novos estudos na área, que proporcionem avanços na formação teórica que respalda a prática psicanalítica hospitalar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Cristiane Palotti. Filtrando as emoções: **O atendimento psicológico ao paciente renal crônico e cardiopata**. In: ISMAEL, Silvia Maria Cury; SANTOS, Janaina Xavier de Andrade dos. **Psicologia Hospitalar sobre o adoecimento...Articulando conceitos com a prática clínica**. São Paulo: Atheneu, 2013. p.45- 52.

BOLLAS, Christopher. **Associação livre**. São Paulo: Segmento-Duetto, 2005. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional dos Psicólogos, Resolução n.º 10/05, 2005. \_\_\_\_\_. Psicologia, ética e direitos humanos.

CARBONE, Lilian M. J. **Hemodiálise, vida e morte: uma breve reflexão**. 2013. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/amp/8155573-Hemodialise-vida-e-morte-uma-breve-reflexao.html>> Acesso em: 25 out. 2022.

CREMASCO, Gabriela da Silva; RUDNICKI, Tânia. **Atendimento ao paciente renal crônico em tratamento de hemodiálise**. In: BAPTISTA, Makilim Nunes; DIAS, Rosana Righetto; BAPTISTA, Adriana Said Daher. Psicologia hospitalar: teoria, aplicações e casos clínicos. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018. p. 124-132.

DINIZ, José Silvério Santos; FILHO, João Batista Mendonça; LIMA, Alzira Maria Carvalho. Insuficiência Renal Crônica: a trajetória de uma Prática. In: BELLKISS, Wilma Romano. (Org.). **A prática da psicologia nos hospitais**. São Paulo: Pioneira, 2002. Cap. 5. p.77-92.

FERREIRA, Vera. Maria. A. P.; GORAYEB, Ricardo. Atuação do psicólogo hospitalar em nefrologia: aspectos emocionais de pacientes renais crônicos e transplantados. In: GORAYEB, Ricardo et al. **A prática da psicologia no ambiente hospitalar**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015. p.311- 350.

FREUD, Sigmund. (1911-1913). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XII, p. 123-158.

FIORI, Wagner da Rocha. **Modelo psicanalítico**. In: RAPPAPORT, Clara Regina; DAVIS, Claudia. Psicologia do Desenvolvimento. 1. V. São Paulo: EPU, 1981-1982. p. 45-46.

GALVÃO, Adelia Alves Ferreira; SILVA, Erci Gaspar; SANTOS, Walquiria Lene dos. **As dificuldades encontradas pelos pacientes com insuficiência renal crônica ao iniciar o tratamento**. Revista de iniciação científica e extensão, 2019. p. 182.

GIL, Antônio Carlos. Como Classificar as Pesquisas? In: \_\_\_\_\_. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41-45.

QUINET, Antônio. **A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahars, 2011.

MACEDO, Gianna Vasconcellos S. **A importância da atuação psicanalítica junto a pacientes renais crônicos em hemodiálise**. Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, Minas Gerais, v. 4, n. 8, Jul/dez. 2019.

MOHALLEM, Léa Neves. Psicanálise e Hospital: um Espaço de Criação. In: MOURA, Marisa Decat. (Org.). **Psicanálise e Hospital 3 Tempo e Morte: da Urgência ao Ato Analítico**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003. p.23-34.

MORETTO, Maria Livia Tourinho. **O que pode um analista no hospital?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Disponível em: <<http://www.who.int/eportuguese/pt/>> Acesso em: 14 outubro 2022.

SIMONETTI, Alfredo. **Psicologia hospitalar e psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. SOCIEDADE BRASILEIRA DE NEFROLOGIA. Disponível em: <<https://sbn.org.br>> Acesso em: 03 out. 2022.

## CAPÍTULO 2

### **A CABANA: UMA RELEITURA PSICANALÍTICA MEDIANTE A ANÁLISE SOBRE A CONSCIÊNCIA DE CULPA E A CONSCIÊNCIA MORAL NO SUJEITO**

*Ana Beatriz Ferreira Leão Neves*

#### **RESUMO**

O presente artigo consiste em um ensaio psicanalítico com bases na teoria freudiana em uma investigação sobre a culpa e suas consequências no sujeito culposos. A releitura do livro *A Cabana* de Young, P. Willian, Arqueiro, 2017, apresenta como destaque o personagem Mackenzie. A análise do livro nos traz o personagem principal com uma angústia depressiva de um pai que, ao ter a sua filha caçula assassinada, acredita estar sendo punido pela ação de ter assassinado o seu pai, em uma vivência do complexo de Édipo. Mackenzie vive uma tormentosa dor psíquica arrastada por anos, em sua vida, ligada a uma culpa moral que, ininterruptamente, foi aplicada pelo seu acusador implacável, o Superego, sobre o seu Ego. O objetivo é trazer o entendimento e a diferenciação da consciência de culpa e a consciência moral que o sujeito neurótico vivencia em sociedade, numa crise, numa insatisfação não compreendida. A dualidade da pesquisa, consciência de culpa e consciência moral nos apresenta vivências de um sujeito que traz em sua estrutura psíquica, uma formação edípica conflituosa, um Ego enfraquecido diante de um Superego rígido e repleto de regras e normas de conduta, ética, moral e religiosa que, somente conseguimos encontrar a origem deste composto de regras no “Superego da cultura que desenvolveu seus ideais e elevou suas exigências”, como afirma Freud.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Culpa; Consciência; Moral; Superego; Superego.

#### **INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa traz como tema a culpa na Psicanálise. Através de um estudo, e tomando como base o livro *A Cabana*, uma investigação psicanalítica sobre o sujeito e a sua culpa será construída.

Por esse estudo, uma análise profunda da consciência de culpa e a culpa moral dentro da teoria Freudiana, e como surge, no sujeito, este sentimento, a sua origem e a dimensão que causa em seu ego. Uma consciência culposa e uma consciência moral, ambos enraizados nas fases pré-edípicas e no complexo de Édipo, na disputa pelo amor da mãe, pelo desejo de morte do pai e, pelo medo real de perder o amor.

Com a leitura do livro *A Cabana*, escrito por William P. Yung – Arqueiro – nasceu a motivação de me debruçar em uma análise buscando o entendimento psicanalítico da origem e dos efeitos da culpa em um sujeito.

Utiliza-se uma revisão de literatura como metodologia desse escrito, através de leituras do livro proposto para análise, busca de artigos com a temática em periódicos da área, seguido de títulos psicanalíticos que compõem embasamento teórico específico.

Como propósito principal, o estudo traz como objetivo à análise de conteúdos psicanalíticos no enredo do livro *A Cabana*, buscando entender a origem e a permanência do sentimento de culpa no âmago do sujeito durante o transcorrer dos períodos da sua vida.

*A Cabana*, em sua tradução para a língua portuguesa, ficou clara e de fácil entendimento para o leitor, que se sentirá envolvido pelo romance que, embora voltado para o perfil religioso, demanda de um conteúdo psicanalítico vastíssimo.

Baseado nessa premissa, elaborei inicialmente, um questionamento imaginário para desenvolver este projeto de pesquisa: o que ancora a culpa? O que dá sentido ao sentimento neurótico da culpa, no sujeito? O quão profunda e enraizada na alma, é a culpa? E a única resposta encontrada foi o medo de perder o amor e a busca por sermos reconhecidos como pessoas que podem ser amadas.

Trazendo como base principal e referencial teórico a Psicanálise Freudiana, essa escrita trará, ao leitor, uma percepção da quão dolorosa é a culpa e, um entendimento claro, do quanto essa dor provoca no sujeito uma consciência culposa, em um pungente sofrimento que perpassa a sua alma. Deixando evidente que a fragilidade humana surge, fundamentalmente, pelo medo de não sermos amados.

## **A CULPA E A MORALIDADE**

A culpa é uma emoção que emerge depois que uma pessoa se julgou por suas ações passadas. Segundo a psicanálise, a culpa surge do "fracasso" da imagem projetada pelo superego. Conseqüentemente, quando não alcançamos o que nosso superego imagina, Nós nos sentiremos desapontados com nós mesmos.

O que Freud chamou de tensão entre o ego e o ego ideal, e o que ele via como culpa normal, era uma condenação do ego em seu momento crítico. A culpa nas encomenda para procurar algo fora, que não está, mas que é a única coisa que pode nos salvar.

Para Freud, em "Mal-estar na civilização", a severidade do superego equivale a severidade da consciência. Dessa forma, o ego entende que está sendo vigiado e consegue

se esforçar para superar as exigências do superego. "O sentimento de culpa é, claramente, apenas um medo da perda de amor, uma ansiedade social" (Freud, 1930, p. 128).

Portanto, o sentimento de culpa é o preço que pagamos por vivermos em sociedade, reprimindo a sexualidade e a agressividade. Sob essa ótica, o mal-estar é estrutural, próprio dos processos de organização do psiquismo do homem, do fato de ele existir, de ser, pois ele só pode ser e existir como homem dentro da civilização.

A origem da moralidade segundo a teoria freudiana é que se trata de um tema pelo qual Freud se interessou desde cedo, conforme carta de Freud a Fliess de 1897, na qual ele informa que "um pressentimento me diz que muito em breve eu descobrirei a fonte da moralidade" (Masson, 1985, p. 252). E ao explicitar a noção de sagrado afirma:

Sagrado é algo baseado no fato de que os seres humanos, em prol da comunidade maior, sacrificaram uma porção de sua liberdade sexual e de sua liberdade de participar de perversões sexuais. O horror ao incesto [...] é baseado no fato de que, como um resultado da vida sexual comunal [...] os membros da família permanecem juntos permanentemente e se tornam incapazes de se aproximar de estranhos. Portanto, incesto é antissocial – a civilização consiste de uma renúncia progressiva a isso. (Masson, 1985, p. 252)

Na concepção freudiana a respeito do tema aqui em questão é que a consciência moral e a culpa (a "má consciência") são fenômenos psicológicos, que estão no psiquismo de cada indivíduo e, portanto, possuem uma origem ontogenética, mas que surgiram, em última instância, ao longo do desenvolvimento da espécie humana e de sua organização social. Esse último ponto, a filogênese da consciência moral, foi objeto de uma construção freudiana que buscou retratar os eventos históricos decisivos nesse processo de formação filogenética da consciência moral à luz de informações conhecidas quer pela investigação científica disponível (antropologia, biologia e arqueologia), quer pelas descobertas da própria psicanálise a respeito dos processos psíquicos inconscientes.

## **DA HORDA PRIMEVA AO COMPLEXO DE ÉDIPO**

Com uma leitura cronológica sustentada em textos relacionados ao tema, observa-se que, inicialmente, Freud tratava a respeito da culpa e da moralidade de uma maneira indireta, ou seja, não sendo o objeto de estudo aprofundado, percebe-se que a validação de seus trabalhos iniciais sobre o tema aconteceu a partir de constatações em diversos momentos em seus pacientes nos quadros de neuroses e do inconsciente, a presença da culpa.

A culpa transcorre toda a teoria psicanalítica de Freud, desde os seus primeiros trabalhos, ainda em seus rascunhos iniciais sobre os mecanismos psíquicos, como coadjuvante. Por esse tempo, percebia-se a culpa relacionada a vários pontos como remorso, autocensura e arrependimento.

De extrema importância na psicanálise, o sentimento de culpa aparece, com muita frequência relacionando-se a moral, costumes, comportamento, ética, ao surgimento do supereu e, na civilização, seu progresso e sobrevivência.

Desde 1897, percebe-se um grande interesse de Freud pelo tema da moralidade tanto que, numa carta de Freud a Fliess encontra-se o seguinte texto: “um pressentimento me diz que muito em breve eu descobrirei a fonte da moralidade.” (MASSON, 1985, p.252)

Para Freud, o totemismo foi a forma mais primitiva de religião, organização social e da moralidade.

Para explicar o início da moralidade em sociedade, Freud se apoiou na literatura evolucionista e, de Charles Darwin trouxe a famosa história da horda selvagem, relatada em *A decadência do homem e a teoria da recapitulação* (a ontogênese repete a filogênese); de Jean Baptiste Lamarck a tese da hereditariedade dos caracteres adquiridos, (mais tarde a tese de Lamarck foi contestada e abandonada definitivamente em 1930); de James George Frazer, Freud usou, emprestada, uma concepção do totemismo como modo de pensamento arcaico das chamadas sociedades “primitivas”.

Ainda buscou a tese do banquete totêmico e da substituição da horda pelo clã de William Robertson Smith. Em James Atkinson trouxe a ideia de que o sistema patriarcal chegara ao fim na revolta dos filhos e na devoração do pai. Da obra de Edward Westermarck extraiu considerações sobre o horror ao incesto e a nocividade dos casamentos consanguíneos e, por fim, inspirando-se na antropologia revolucionista, Freud coloca-a em contradição com ela mesma e fornece uma nova definição da universalidade da proibição do incesto e da gênese das sociedades humanas. (ROUDINESCO, 1988).

Em *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), Freud diz que há “uma relação inversa entre a cultura e o livre desenvolvimento da sexualidade”. (FREUD, 1905/1996, p.229)

Em *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907/1996), afirma: “a renúncia progressiva aos instintos constitucionais, (...) parece ser uma das bases do desenvolvimento da civilização humana. Uma parcela dessa repressão instintual é efetuada por suas religiões, ao exigirem do indivíduo que sacrifique à divindade seu prazer instintual”. (FREUD, 1907/1996, pp. 116-117).



Aqui trago uma breve apresentação das fontes das investigações freudianas a título de recomendação de leitura, a quem desejar se debruçar sobre o estudo. Passemos, então, ao objetivo deste artigo que é explicar, através da interpretação freudiana, a consciência de culpa e a consciência moral na psicanálise.

E esse sacrifício instintual à divindade apresentado por Freud está muitíssimo bem representado na menção da horda primeva e solidifica-se no complexo de edípico onde acontece uma renúncia instintual de um desejo de possuir a mãe o qual, através da renúncia, que é basilar a formação do supereu, o herdeiro do complexo de Édipo surge, o Superego.

Em o Mal-estar na Civilização Freud nos traz o seguinte: “

Não podemos afastar a hipótese de que o sentimento de culpa da humanidade vem do Complexo de Édipo e foi adquirido quando do assassinio do pai pelo bando de irmãos. Ali a agressão não foi suprimida, mas levada a efeito, a mesma agressão cuja supressão deve ser fonte de sentimento de culpa na criança”. (FREUD, 1933—1936; p. 102)

Em A Alma Imoral, Bonder, nos diz o seguinte:

“Não haverá tradição sem traição, nem traição sem tradição, como não poderá haver integridade do animal sem evolução, nem evolução sem integridade do animal”, e continua “a alma, por sua vez, é a desobediência, como o ato de comer o fruto da árvore proibida (...)a primeira desobediência registrada na consciência humana (...) o advento da consciência se dá quando desobedecem.”

E essa desobediência, essa transgressão que vem da alma, está instalada na agressividade de cada sujeito, gerando culpa, a mesma culpa que carregamos anterior a questão edipiana, a mesma culpa que dá sentido a sociedade; ela precisa existir para frear as ações de natureza transgressora do homem.

O que ancora o amor?

Na concepção de transgressão, de agressividade, encontramos libido afirmando que em toda manifestação instintual existe libido, mas nem tudo nela é libido.

E, para essa afirmativa, Freud nos explica com as seguintes palavras:

“O nome “libido” pode mais uma vez ser aplicado às expressões de força de Eros, para diferenciá-la da energia do instinto de morte. Devemos admitir que é bem mais difícil aprender este último, (...). É no sadismo, em que ele modifica a seu favor a meta erótica, mas não deixa de satisfazer plenamente o ímpeto sexual, que atingimos a mais clara compreensão de sua natureza e de sua relação com Eros. Mas também, ali onde surge sem propósito sexual, ainda na mais cega fúria destruidora, é impossível não reconhecer que sua satisfação está ligada a um prazer narcísico extraordinariamente elevado, pois mostra o Eu a realização de seus antigos desejos de onipotência.” E continua: “Domado e moderado, como que inibido em sua meta, o instinto de destruição deve, dirigido para os objetos, proporcionar ao Eu a

satisfação de suas necessidades vitais e o domínio sobre a natureza.” (FREUD, 1930-1936; p.86-90)

O que conecta a história da agressividade humana a energia libidinosa é o complexo de Édipo que, com a proibição do incesto, por consequência uma renúncia instintual perante a autoridade externa, os pais, e que, por identificação de uma parte do ego com os pais, o resultado é a formação de um superego como autoridade interna que pressiona e induz a uma renúncia instintual por meio do incesto primitivo e, por medo de perder o amor.

O superego surge, então, como um vigilante severo, uma autoridade onipresente. O Eu nada pode esconder desta instância e ele é bem mais rígido e até cruel porque conhece a natureza dos desejos. E, quanto a isso, Freud, nos diz: “A experiência ensina, no entanto, que de modo algum a severidade do Superego desenvolvido pela criança reflete a severidade do tratamento que recebeu.” (FREUD, 1930-1936; p. 101).

Fundamental para entendimento da ligação do Superego é que existe subjetividade acontecendo neste contexto. O superego da criança não é tão severo quanto foi criado, não é a forma como o outro lidou com ela mas a maneira como o ego da criança recebeu a intervenção do outro e como ela resolve dentro de si mesma.

Então teremos um superego que é o próprio ego que cria limites para si mesmo, para que ele não transborde e, para evitar o transbordamento, é o superego que dá o contorno, impondo limites. Esses limites podem ser religiosos, políticos, morais, financeiro, filosófico, etc.. Em algumas pessoas, o superego é muitíssimo rígido, é o grande juiz e censor em relação ao ego.

O personagem Mackenzie do livro *A Cabana*, YOUNG, Willian P. sentiu o peso do rigor do seu superego neste trecho a estória:

No longo trecho subindo o desfiladeiro sentiu o pânico se esgueirando e invadindo sua consciência. Tentara não pensar no que estava fazendo e simplesmente ir colocando um pé na frente do outro, mas os sentimentos e temores represados começaram a surgir. Seus olhos ficaram sombrios e as mãos apertavam com força o volante do carro (...). A dor que estivera crescendo no estômago finalmente o empurrou para o pânico. Depois de apenas cinco passos ele parou e teve ânsias de vômito tão fortes que o deixaram de joelhos. (YOUNG, 2017)

Com a emergência do superego, o sentimento de culpa surge frequentemente associado à moral e a ética.

Friedrich Nietzsche (1844–1900), o filósofo alemão, nos traz que sentimentos como culpa, pecado e ressentimento são inseparáveis da moral judaico-cristã. E por essa moral o

sujeito sofre as repressões de suas pulsões causando conflitos psicológicos. Conflitos esses, ligados a repressão de impulsos que não desaparecem por terem sido reprimidos mas, tornam-se conflituosos numa luta entre os sentimentos do sujeito.

No livro *A Cabana*, YOUNG, Willian P., Arqueiro, 2017, o personagem Mackenzie vive uma tormentosa relação com o seu Super-ego. Oriundo de uma família evangélica, Mackenzie vivenciou o complexo de Édipo verdadeiramente, assassinando o seu pai para defender a sua mãe.

Em segredo, carregou essa dor, pela ação realizada, por toda a sua vida, numa luta incessante por não perder o amor do Pai-Deus.

Durante algum tempo, Mackenzie conseguiu viver um período de estabilidade emocional, uma espécie de trégua, constantemente, repleto de questionamentos ao seu ego objetivando justificativas que aplacassem a dor da condenação.

Após muitos anos de ter morto o seu pai, ocorre o sequestro seguido de assassinato de sua filha caçula Missy. E, este evento faz emergir em Mackenzie uma dor pungente e uma revolta contra Deus explodiu por acreditar que Ele, Deus, é o grande juiz e está ali para condená-lo pela morte do seu pai. Algum tempo após a tragédia, Mackenzie vive em um estado depressivo, nomeado por ele de Grande Tristeza que o envolvia como um abraço. A dor da morte da filha o envolvia de uma maneira tão profunda que ele perdeu a razão de viver. O sentimento de culpa era enorme por não ter conseguido salvar a sua filha e, essa tragédia teria sido, de uma maneira indireta, o castigo de Deus.

A relação que faremos entre o romance *A Cabana* e a psicanálise, permeia entre a consciência de culpa do personagem principal e a sua consciência moral, ambos ligados ao superego.

Para a psicanálise, o estudo sobre o sentimento de culpa é basilar para a compreensão da causação das neuroses vez que a culpa, como um sentimento universal mantém a vida gregária, sociável, mas também se relaciona no sujeito. Entretanto, dada a culpa ser universalizada e está intrinsecamente unida ao sujeito, a evolução teórica da culpa traz a necessidade de uma análise da relação entre os diversos aspectos de relações sociais como cultura, religião, civilização e o próprio sujeito e a forma como a culpa se manifesta individualmente.

O que dá sentido ao sentimento neurótico da culpa?

Iniciaremos a resposta trazendo a diferenciação entre estes dois sentimentos para facilitar a interpretação.

Como Consciência de culpa entendemos o estado em que o sujeito transgressor reconhece que cometeu um ato errôneo, que ofendeu ou comportou-se inadequadamente. Existe a consciência da ação, porém sem maiores efeitos psíquicos.

Na Consciência moral o sujeito transgressor vive a dor da culpa por ter cometido um erro, um crime, uma mentira, uma traição, um pecado e não consegue sentir alívio pois o necessita de uma punição, ser castigado pela má ação efetuada.

Após essas explicações preliminares, seguiremos com as interpretações baseadas no livro *A Cabana*. Adoecido, sofrendo por uma culpa desenvolvida dentro da sua subjetividade, em suas manifestações secundárias, visto que os processos primários não se alteram desde que o ser humano surgiu, o personagem Mackenzie vive o sentimento de culpa identificando-o como uma angústia que se vincula ao medo de estar ferindo os limites do superego. Instância psíquica rigorosa, o Superego ao conflitar com o ego, impondo seus valores, conduz o “Eu” do sujeito, ligado à moral, as regras de conduta, às leis, desenvolve as crises de consciência no ego, dando vazão a consciência moral.

Vejamos o trecho do livro *A Cabana*, que nos aponta essa consciência moral:

“Agora, três anos e meio depois, Missy era considerada oficialmente vítima de assassinato. (...) tentava abraçar uma fé estoica e desprovida de sentimentos que lhe traziam algum conforto e paz, porém não eliminava os pesadelos em que se via com os pés presos na lama e sem voz para dar os gritos que salvariam sua preciosa Missy. Aos poucos os pesadelos foram se tornando menos frequente e os momentos de alegria começaram a despontar, fazendo Mack sentir-se culpado.”

E o sujeito transgressor, neurótico, por se sentir culpado de alguma forma sente a necessidade de ser punido e é o Superego que faz esse caminho com maestria. Percebemos no trecho do livro, que nem os momentos de alegria são aceitos, ele necessita sofrer, ser castigado pela sua culpa. Freud nos diz, em *Além do Princípio do Prazer*, página 62, o seguinte: “Ao final, percebemos que estamos tratando com o que pode ser chamado de “fator moral” um sentimento de culpa que está encontrando satisfação na doença e se recusa a abandonar a punição do sofrimento.”

Seguimos com o livro. Neste trecho, o personagem Mackenzie dialoga com Deus: “As responsabilidades e as expectativas são a base para a culpa, à vergonha e o julgamento. Elas fornecem a estrutura que faz do comportamento à base para a identidade e o valor de alguém. Você sabe muito bem como não é atender às expectativas de alguém.”

Não existe consciência moral antes da existência do superego. Este, por ser uma instância explorada por nós e a consciência de suas funções a ele atribuída: vigiar atos e

intenções do Eu, julgando, condenando, exercendo movimento censório. E Freud nos traz desta forma:

O sentimento de culpa, a dureza do Supereu, então o mesmo que a severidade da consciência, é a percepção que tem o Eu de ser vigiado e o medo ante essa instância crítica (subjacente a relação inteira) a necessidade de castigo, é uma expressão instintual do Eu, que por influência do Supereu sádico tornou-se masoquista, ou seja, emprega uma parte do instinto para destruição interna nele presente para formar uma ligação erótica com o Supereu. (FREUD, 1930-1936; p.109)

Mas afinal, o que dá sentido ao sentimento neurótico da culpa? A necessidade de castigo. Em Freud, encontramos o seguinte: “O estudo das neuroses, às quais devemos as mais valiosas indicações para o entendimento do normal, revela situações contraditórias. Em uma dessas afecções, a neurose obsessiva, o sentimento de culpa se impõe de modo ostensivo à consciência, dominando o quadro patológico e a vida dos doentes, mal deixando que algo mais aconteça. Na maioria dos outros casos, e formas de neurose, porém, ele permanece totalmente inconsciente, sem por isso manifestar efeitos menores.” (FREUD, 1930-1936; p.107).

Percebemos então, que os neuróticos obsessivos são aqueles cuja consciência tem um peso maior sobre o ego e, por essas razões constroem limites para evitar o transbordamento e entrar em conflito com o superego, e assim necessitar de castigo ou perdão. O neurótico obsessivo está o tempo todo se policiando: estou fazendo o que é certo? Devo agir desta maneira? Será que posso? Esse tipo é constante. Freud, em o Mal-estar da civilização, página 107 diz o seguinte:

Os doentes não acreditam em nós, quando lhes atribuímos um “sentimento de culpa inconsciente”; para que nos compreendam em alguma medida, nós lhes falamos de uma inconsciente necessidade de castigo, na qual se expressa o sentimento de culpa. (...) também na neurose obsessiva há tipos de doentes que não percebem o seu sentimento de culpa, ou o mantém como um doloroso mal-estar, uma espécie de angústia (...); E Freud continua: Deveria ser possível compreender finalmente essas coisas; ainda não somos capazes disso. (FREUD, 1930-1936; p.108)

Em Totem e Tabu, em uma de suas contribuições teóricas do sentimento de culpa no sujeito, Freud destaca a relevância da infância numa analogia ao homem selvagem e o neurótico assemelham-se muito às crianças, ou seja, traços de infantilismo psíquico é demonstrado, em certo grau, por neuróticos caracterizando que duas situações podem ter ocorrido: houve inibição, por falha na libertação das condições psicosssexuais que predominam na infância ou regressão, com o retorno a estas fases.

Freud escreve ainda em o Mal-estar da civilização na página 108: "(...) o sentimento de culpa nada é, no fundo, uma variedade topográfica da angústia e, em suas fases posteriores coincide inteiramente com o medo ao Supereu." Existe, para Freud, um local psíquico onde está situada a angústia; na psique em um confronto superegóico. Para se entender a variedade topográfica da angústia Freud apresentou duas teorias: a inicial, época em que Freud ainda era jovem, a angústia era concebida através da energia sexual que não pode ser adequadamente descarregada, ficava retida e causava a angústia. Em sua segunda teoria, ele traz a angústia como algo premonitório, como um sentimento prévio relacionado ao perigo, a um desafio que precisa ser enfrentado, não se tratando mais de um acúmulo de energia não satisfeita completamente, mas de um estado de tensão sobre o que virá.

Em Inibição, Sintoma e Angústia, Freud diz o seguinte: '(...) e vemos que o passo seguinte é ocasionado pelo poder do Supereu. Com a impessoalização da instância parental, da qual se temia a castração, o perigo se torna mais indeterminado. A angústia da castração evolui para angústia de consciência, angústia social. (...), Expresso de maneira mais geral, é a raiva, o castigo do Supereu, a perda do amor deste, que o Eu avalia como perigo e a que responde com o sinal de angústia.' (FREUD, 1926-1929; p.82).

O sentimento de angústia também se relaciona diretamente com o sentimento de culpa, não por uma culpa consciente, mas a culpa primeva, a culpa edipiana, a culpa derivada do medo de perder o amor dos pais ou do temor da punição gerando desdobramentos futuros e, entre eles, a angústia. Para a segunda teoria da angústia em Freud, é a sua presença que impõe todo mecanismo defensivo do ego e sua determinação tanto pode parecer uma forma ruidosa, na neurose obsessiva, como no sintoma de escrupulosidade, que não deixa de ser inconsciente, quando se forma totalmente no inconsciente, na histeria, e não reconhece empecilho a seu estabelecimento. Porém, quando o sujeito constrói mecanismos de defesa para se ver livre da angústia e, conseqüentemente da sua culpa inconsciente, ele constrói transtornos psíquicos, a partir do instante em que cria rituais, estórias, fantasias, todavia, a culpa ainda continua existindo e o sujeito, mesmo no padrão histérico ou obsessivo, ainda estará enraizado na culpa por uma questão edipiana.

Freud, 1930-1936; p. 108 nos apresenta:

De algum modo a angústia se acha por trás de todo sintoma, mas ora reivindica ruidosamente para si a consciência inteira, ora se oculta de modo tão perfeito, que nos vemos obrigados a falar de angústia inconsciente ou – se quisermos ter uma

mais limpa consciência [Gewissen] psicológica, já que a angústia é em princípio uma sensação de possibilidade de angústia.

E o sujeito passa não só a se angustiar, mas, também, a se angustiar pela possibilidade de se angustiar na vivência de uma tormentosa ansiedade.

O quão profunda e enraizada na alma, é a culpa?

Em A Alma Imoral, Bonder nos traz a seguinte interpretação: "(...) O segredo é que não está em jogo aqui a luta entre o "bom" e o "correto", nem entre a "alma" e o "corpo", como abordou a cultura no passado, mas na tensão, na profunda dependência entre "bom" e "correto" ou entre "alma" e "corpo". Ou, melhor ainda, entre "moralidade" e "imortalidade" ou "preservação" e "ruptura".

Freud, em referência a participação da religião no sentimento de culpa, no diz o seguinte:

"Pelo menos as religiões não desconhecerao jamais o papel do sentimento de culpa na cultura. Elas pretendem – algo que não considerarei em outro lugar\* - redimir a humanidade desse sentimento de culpa a que chamam pecado." (FREUD, 1930-1936; p.108).\* Freud se refere a O Futuro de uma ilusão (1927).

E então para entendermos um pouco mais o quão profunda e enraizada é a culpa na alma retornaremos a horda primitiva. O Pai Primevo, aquele que tinha acesso a todas às mulheres e o único a poder gozar. Essas mulheres só se tornaram acessíveis aos outros homens, após a morte do Pai, todavia, pôde-se constatar que o acesso à mulher não poderia acontecer diretamente, a menos que, impreterivelmente, o mesmo lugar houvesse sido ocupado por outro, que restituiria o pai primevo a ser assassinado. Então, um totem e dois tabus foram estabelecidos, uma ordem social com base em duas identificações: a de não matar o pai e a do incesto e os dois tabus provenientes do sentimento de culpa filial e os dois desejos recalcados do Complexo de Édipo.

Freud, em Totem e Tabu afirma que o pai se tornou mais forte morto do que vivo, com razão pois a partir de então, a ordem social foi estabelecida e o sentimento de culpa surgiu.

Em Moisés e o Monoteísmo, (1937-1939; p. 184) Freud diz assim:

No quadro da religião mosaica não havia lugar para expressão direta do ódio assassino ao pai; podia aparecer somente uma forte reação a ele, a consciência de culpa por essa hostilidade, a má consciência de haver pecado contra Deus e não cessar de fazê-lo. Tal consciência de culpa, que os profetas conservaram ativa sem interrupção, que logo passou a integrar o sistema religioso, possuía também uma nova motivação, superficial, que habilmente mascarava sua verdadeira procedência.(...) o sentimento de culpa pela própria pecaminosidade oferecia uma bem-vinda exculpação de Deus.

É com base nesta culpa que o sujeito carrega, que nem sente e nem a conhece, que as religiões utilizaram um enorme mecanismo que auxilia o sujeito obsessivo culposo a se aliviar desta dor psíquica, a se libertar desta angústia, pedindo perdão a Deus. E, esse perdão, em qualquer religião, traz o alívio. A grande maioria das instituições religiosas conduzem, de forma acolhedora, o sujeito a assumir sua culpa, o seu pecado junto ao Pai, Deus e, o ato de se arrepender, permite que o sujeito neurótico obsessivo, pecador, cheio de culpa, sinta o alívio pelo ato realizado, que era contrário ao seu supereu.

Em *Compêndio de Psicanálise*, (1937-1939; p. 236), Freud, em sua genialidade, traz o seguinte com relação ao tratamento psicanalítico dos neuróticos:

Quanto mais nosso trabalho avança e se aprofunda a nossa compreensão da vida psíquica dos neuróticos, mais claramente tomamos conhecimento de dois novos fatores, que requeriam a máxima atenção como fontes de resistência. (...) O primeiro desses fatores é o sentimento ou consciência de culpa, como é chamado, sem consideração pelo fato de que o doente não sente nem o conhece. É, evidentemente, a contribuição de um Supereu que se tornou particularmente duro e cruel. (...) Ao combater essa resistência, temos de nos restringir a torná-la consciente e buscar a lenta demolição do Supereu hostil.

No trecho do livro *A Cabana*, na página 204, encontramos o arrependimento e o pedido de perdão na passagem em que o filho encontra seu pai:

-Papai! – gritou Mack e jogou-se para o homem que nem podia olhar o filho. No uivo de ventos e chamas, Mack segurou o rosto do pai com as duas mãos, forçando-o a olhá-lo para dizer: “Papai, desculpa! Papai, eu amo você!” (...) Os dois trocaram palavras soluçantes de confissão e perdão. E um amor maior do qualquer um dos dois os curou.

Então, as instituições religiosas trazem o sujeito culposo e os coloca em frente a sua culpa, ao seu pecado os conduzindo a confessar o seu pecado, a sentir a sua culpa, confessando e, ao confessar, o sujeito aceita aquilo que fez e que reprova, mas fez, e então, aproxima-se do superego e desvincula-se da culpa.

Freud, na página 109 de *Mal-estar na civilização* traz o seguinte: “Pode não ser de muita importância, mas provavelmente não será supérfluo esclarecermos o sentido do vocábulo como “Supereu”, “consciência” [gewissen], “sentimento de culpa”, “necessidade de castigo” e “arrependimento”, que usamos, talvez frequentemente, de maneira frouxa e intercambiável. Todos dizem respeito à mesma coisa, mas designam diferentes aspectos dela.”

E, por fim, porém, antes de concluir esse artigo, trago uma última citação de Freud a respeito da neurose e a religião. Em *Atos obsessivos e práticas religiosas* (FREUD, 1907-



1969; p.116) traz o seguinte: “(...) pode-se considerar a neurose obsessiva um correlato patológico da formação de uma religião, descrevendo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal.”

A culpa é um sentimento corrosivo, destruidor. Um estado emocional que inicia seu processo entristecendo o sujeito, conduzindo a uma irritação inexplicável, um estado angustiante, desmotivador, criando pensamentos de cunho pessimista culminando em adoecimentos psíquicos.

“Mas então, que se tornará homem, sem Deus e sem imortalidade? Tudo é permitido, por consequência, tudo é lícito?” (DOSTOIÉVSKI, 1973, p.411).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No termino desse artigo tem-se a esperança de ter alcançado, através da preciosidade que é a literatura freudiana, elucidar, de forma significativa, a diferenciação sobre a consciência de culpa e a culpa moral em toda a sua origem, desenvolvimento e consequências na vida dos indivíduos, quer seja de forma consciente ou, fundamentalmente inconsciente.

A estória de *A Cabana* proporciona um vasto campo de estudo para a psicanálise de Freud: o amor do sujeito pela mãe, o desejo de morte do pai, o sentimento de culpa arrastado por longos anos e através de um incômodo mal estar, angústia e uma sensação de estar sendo punido pelo crime realizado, no passado, ainda no cunho da culpa, se apresentando como sentimento de fracasso pois, mesmo tendo conseguido sucesso em realizar o seu desejo, sucumbiu à tragédia da consciência moral.

Como complexa questão que é a culpa na psicanálise, Freud a tratou com muita riqueza de conteúdo e, no início de seus estudos, trazia que às pessoas adoeciam neuroticamente devido às frustrações, ou seja, privação em satisfazer seus desejos. Entretanto, mais a frente, o surgimento da neurose, segundo Freud, acontecem pelo conflito entre desejos libidinais e o superego que condena, que reprime, surgindo o sentimento de culpa.

Assim, nesta fascinante estória de *A Cabana*, o sujeito vive uma tormenta mental pelo seu crime, por parte do superego que o condena, pelo ato de realizar o seu desejo e, a dor da sua consequência.

Sob o domínio do complexo de Édipo, esse material acadêmico, com respaldo teórico, nos fará caminhar e entender, por vias psicanalíticas às estradas que levam o sujeito neurótico a viver uma vida com a consciência de culpa e a consciência moral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETTA, João Paulo F. A origem da moralidade em Freud e Winnicott. **Winnicott e-prints**, v. 7, n. 1, pág. 114-125, 2012.

BONDER, Nilton. **A Alma Imoral: Traição e Tradição Através Dos Tempos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FAGUNDES, Anna Izabel, **A culpa não é sua**, Edições Besourobox Ltda. 2012.

FREUD, Sigmund, **Além do Princípio do Prazer**, Companhia das Letras. 1996.

FREUD, Sigmund, **O Ego e o Id**, Companhia das Letras. 1974.

FREUD, S. (1996). Atos obsessivos e práticas religiosas. **Obras completas da Standard Edition** (Vol. 9, pp. 107-129). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907)

FREUD, S. (1996). O mal-estar na civilização. **Obras completas da Standard Edition** (Vol. 21, pp. 67-148). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)

FREUD, S. (1996). Moisés e o monoteísmo: três ensaios. **Obras completas da Standard Edition** (Vol. 23, pp. 15-150). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1939)

GELLIS, André; HAMUD, Maria Isabel Lima. Sentimento de culpa na obra freudiana: universal e inconsciente. **Psicologia USP**, v. 22, p. 635-654, 2011.

MASSON, J. M. **The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhem Fliess 1887-1904**. Harvard: The Belknap Press of Harvard University Press. 1985.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROUDINESCO, E. **História da psicanálise na França** – v.2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

YOUNG, P. Willian, **A Cabana**, Arqueiro. 2017.

## CAPÍTULO 3

### A DEPENDÊNCIA QUÍMICA COMO SINTOMA PSICOPATOLÓGICO: UM ESTUDO EM PSICANÁLISE

*Joana D'arc de Brito*

#### RESUMO

O uso e o consumo de substâncias psicoativas remontam a origem da humanidade sendo utilizada nas mais diversas culturas, tornando-se um fenômeno social, cultural, transformando-se em graves problemas de saúde, políticos, religiosos e socioeconômicos na atualidade. Dessa maneira, os usuários passam a ser dependentes químicos, onde são utilizadas as mais variadas formas de tratamento, mas que na maioria das vezes não se consegue obter os resultados esperados. Portanto, os problemas resultantes do uso e do abuso de entorpecentes tornando-se atualmente um problema de ordem mundial, onde os governos, órgãos de repressão e de saúde pública, investem em recursos financeiros e humanos em ações preventivas e na atenção aos usuários de drogas. Diante dessa realidade, o objetivo principal deste artigo é o de avaliar a importância deste processo no tratamento dos dependentes químicos na atualidade, como sintoma psicopatológico um estudo em psicanálise. A metodologia utilizada na elaboração deste estudo trata-se de uma revisão de literatura através da busca de trabalhos já elaborados e finalizados, constituídos principalmente de livros, artigos de periódicos, monografias, dissertações e materiais disponíveis na Internet.

**Palavras-chave:** Drogas; Dependência química; Psicanálise; Sintoma Psicopatológico.

#### INTRODUÇÃO

O problema da utilização e do consumo de substâncias psicoativas é bastante complexo, uma vez que apresenta uma configuração resultante de um processo histórico utilizado ao longo de diversas culturas, cujas origens não podem ser totalmente definidas com clareza, isto porque sua história se perde no tempo. Assim, desde os primórdios da humanidade as drogas vêm assumindo diferentes modalidades, sendo, portanto, alvo de interesse e de interpretações, dependendo da época e da sociedade a qual está inserida.

No que se refere ao uso de substância psicoativo, observa-se que, essa prática nunca foi um evento atual ou isolado no tocante a trajetória humana, ou seja, esse fenômeno não é exclusivo na nossa atualidade (TOSCANO JR., 2001).

No entanto, a história da dependência de drogas se confunde com a própria história da humanidade, sendo assim, o consumo de drogas sempre existiu ao longo dos tempos,

desde as épocas mais antigas e em todas as culturas e religiões, com finalidades específicas. Isso porque, o homem sempre buscou, através dos tempos, maneiras de aumentar o seu prazer e diminuir o seu sofrimento (MARTINS & CORRÊA, 2004).

Não obstante, é importante ressaltar que ao passo que as sociedades se desenvolviam, buscavam na natureza novos elementos que pudessem ser utilizados durante os rituais e festas religiosas, como também para uso medicinal e para inúmeras doenças do corpo e, posteriormente, para a cura dos problemas que afligiam a alma. Os hábitos e costumes se diferenciam entre as mais diversas sociedades, onde muitas delas só as utilizavam em cerimônias coletivas, rituais e festas, sendo que, geralmente, esse consumo estava restrito a pequenos grupos.

De modo geral, quando se procura analisar a evolução histórica do ser humano, é possível observar que cada época apresenta uma maneira peculiar de lidar com as drogas, ou seja, com a saúde e a doença. No caso das doenças, pode-se notar que elas se apresentaram ao longo da história das sociedades passando do sobrenatural para o natural e, conseqüentemente, para o social (ORNELLAS, 1999).

Ademais, existem atualmente inúmeros tipos de psicotrópicos, os quais tem se constituído graves problemas na sociedade e em todas as nações, e se apresenta como grandes desafios para as políticas públicas em ter muito a realizar no que se refere ao uso de drogas e à promoção à saúde.

Dentre as inúmeras terapias utilizadas no tratamento de indivíduos dependentes químicos, torna-se necessário apresentar alguns questionamentos, tais como: de que maneira a psicanálise pode contribuir para o tratamento e a cura? Quais os métodos dessa terapia que auxiliam e que podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida do dependente? Onde e quando essa terapia é utilizada no tratamento de dependentes com sintomas psicopatológicos? Essas e outras indagações serão respondidas ao longo do desenvolvimento deste artigo.

A metodologia utilizada na elaboração deste trabalho trata-se de uma revisão literária de abordagem descritiva e de caráter exploratório. A pesquisa em revisão de literatura se dá através da busca de trabalhos já elaborados e finalizados, constituídos principalmente de livros, artigos de periódicos, monografias, dissertações e materiais disponíveis na Internet, que abordam as contribuições das intervenções psicoterápicas no tratamento da toxicomania e no tratamento de indivíduos usuários de drogas.

GIL (2002), afirma que: “o objetivo do estudo da pesquisa descritiva é identificar as características de um determinado fenômeno, buscando obter opiniões, atitudes e crenças de uma população”.

A pesquisa qualitativa tem por característica a objetivação do fenômeno, buscar resultados fidedignos, além de procurar descrever, compreender e explicar as relações entre o global o local do que se pretende abordar (GERHARDT & SILVEIRA, 2009).

## **PSICANÁLISE: ASPECTOS HISTÓRICOS**

Responsável pela elaboração das bases da psicanálise, Sigmund Freud, nascido na cidade de Freiberg, Morávia, atualmente pertencente à República Tcheca, no ano de 1856, refugiando-se posteriormente na Inglaterra, onde veio a falecer no ano de 1939, fugindo das perseguições do nazismo, uma vez que tinha origem judaica.

Freud formou-se em medicina, muito embora seu interesse tenha se voltado para o estudo das manifestações psíquicas (desequilíbrio psicológico), sendo que sua teoria surgiu através do contato com seus pacientes, na qual ele postulava a cura de pessoas que sofrem de distúrbios psíquicos.

Em seus trabalhos de pesquisa com base no relato de pacientes a respeito de suas fantasias, sintomas neuróticos, lembranças e sonhos, Freud desenvolveu a teoria sobre a estrutura da personalidade humana e a dinâmica de seu funcionamento.

Segundo Freud, o aparelho psíquico humano visa o alívio da tensão e por isso tem como objetivo buscar o prazer e evitar o desprazer. Freud, (1978) afirma que:

Na teoria psicanalítica, aceitamos que o curso dos processos mentais é automaticamente regulado pelo "princípio do prazer"; por assim dizer, cremos que qualquer processo se origina num estado desagradável de tensão, e em consequência, determina para si um tal caminho, que sua versão fundamental coincida com um relaxamento dessa tensão, É como uma evitação da “dor” ou com a produção do prazer. (Freud, 1978, p. 155).

No entanto, é sabido que o uso de substâncias psicoativas como álcool e drogas é bastante destrutivo para o organismo humano. Porém apesar dessa constatação, o uso dessas e de outras substâncias no alívio da dor humana supostamente tem se mostrado eficiente de alguma forma, pois está presente desde os primórdios.

Em sua obra intitulada O mal estar da civilização publicada em 1930: Freud (1974) era enfático ao afirmar que:

“O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhe concederam um lugar permanente na economia de sua libido. Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse “amortecedor de preocupações”, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar um refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade. Sabe-se igualmente que é exatamente essa propriedade dos intoxicantes que determina o seu perigo e a sua capacidade de causar danos” (Freud, 1974, p.97).

Ainda de acordo com o autor acima mencionado, Freud (1978), afirma que: “a personalidade é formada por três instâncias, sendo elas: id, ego e superego”.

Procurando entender melhor esses três conceitos é importante ressaltar que: o Id, segundo o autor acima mencionado, é a instância que contém os impulsos inatos, as inclinações mais elementares do indivíduo. O Id é composto por energias, o qual Freud denominou de pulsões – determinadas biologicamente e determinantes de desejos e necessidades que não reconhecem qualquer norma socialmente estabelecida. O Id não é socializado, não respeita convenções, e as energias que o constituem buscam a satisfação incondicional do organismo (FREUD, 1978).

Com base em Freud, Cunha (2000) afirma que:

"O ego significa literalmente “eu”, que é o setor da personalidade especializado em manter contato com o ambiente que cerca o indivíduo. Ele é a porção visível de cada um de nós, convive segundo regras socialmente aceitas, sofre as pressões imediatas do meio e executa ações destinadas a equilibrar o convívio da pessoa com os que a cercam” (Cunha, 2000, p.14).

Por último, o Superego, é um depositário das normas e princípios morais do grupo social a que o indivíduo se vincula e convive. Nele se concentram as regras e as ordenações da sociedade e da cultura, representadas, inicialmente, pela família e, posteriormente, internalizadas pela pessoa (FREUD, 1978).

Conclui-se, portanto, que o foco da Psicanálise se fundamenta na relação entre as energias oriundas do Id e os impedimentos que o Superego lhes impõe.

Ainda de acordo com Freud (1978), Cunha afirma que:

“A Psicanálise mostra que há uma vasta gama de desejos que são impedidos de chegar ao nível do ego, isto é, desejos cuja existência o “eu” sequer toma ciência devido à censura das barreiras morais internalizadas pela pessoa. O superego atua como protetor do ego, pois sem ele as pulsões tornaram insuportável a vida do indivíduo em sociedade.” (Cunha, 2000, p.14).”

Dessa maneira, as pulsões, ainda de acordo com a teoria do autor, encontram-se em uma região da personalidade humana que são reprimidas e, assim sendo, não estão conscientes para o Ego. Essa região é denominada de Inconsciente, que por sua vez guarda tudo que o Ego não sabe que existe que, se trata de tudo aquilo que foi reprimido com base nas concepções morais internalizadas pelo indivíduo (FREUD, 1978).

De acordo com a teoria psicanalítica, o ser humano é tudo aquilo que ele possui dentro de um universo de desejos e de necessidades que ele mesmo desconhece. Assim, tudo que ele pensa e quer nada mais é do que realmente ele é. Dessa maneira, grande parte do que se encontra oculta no inconsciente humano, é reprimida pelo Superego.

Cunha (2000) com base em Freud (1978) vai mais além ao lembrar que:

“Trata-se de uma versão da personalidade humana que rompe com o racionalismo e mostra não sermos donos da verdade que julgamos conhecer a respeito de nossas motivações, nossos gostos, amores e ódios. Isto ocorre porque nossas escolhas conscientes são profundamente influenciadas pelas energias inconscientes reprimidas” (Cunha, 2000, p.15).

A Associação Americana de Psiquiatria (*American Psychiatric Association*, 2014), no Manual de Diagnóstico e Estatística (DSM) ou *Diagnostic and Statistical*), abrange os transtornos mentais elaborados pela associação americana de psiquiatria.

Não obstante, ele define o transtorno por uso de substâncias e o transtorno induzido por substâncias, apontando que todas as drogas que são consumidas em excesso têm em comum a ativação direta do sistema de recompensa do cérebro, que envolve o reforço de comportamentos e de produção de memórias.

Ainda de acordo com o referido manual, ao invés de atingir a ativação do sistema de recompensa através de comportamentos de adaptação, às drogas de abuso ativam diretamente as vias de recompensa. Indivíduos com baixo nível de autocontrole, o que pode ser reflexo de deficiências nos mecanismos cerebrais de inibição, podem ser particularmente predispostos a desenvolver transtornos por uso de substância.

## **ORIGENS DAS NEUROSES**

A neurose é definida por especialistas como um quadro clínico atípico definido por sentimentos e emoções negativas. Diante dessas situações, eles afirmam que existem inúmeros tipos de neuroses que afetam as pessoas. Normalmente, esses indivíduos são

emocionalmente vulneráveis, inseguros e instáveis, não reagindo de forma natural a críticas ou a mudanças externas ao seu ambiente.

Dessa maneira, é comum que algumas dessas pessoas busquem alívio para seus problemas nas drogas, como forma de aliviar o agravamento de sentimentos e emoções negativas que às vezes os atingem causando transtornos mentais, como por exemplo, depressão, ansiedades e fobias.

O termo neurose costumava ser entendido para se referir aos distúrbios psicológicos e doenças nervosas como Alzheimer e Parkinson, as quais interferem na personalidade humana. Esse termo foi usado pela primeira vez ainda em 1769, pelo médico escocês William Cullen. Ele acreditava que essas patologias estavam associadas à má gestão emocional.

A neurose é um dos principais estudos da psicanálise de Freud, uma vez que ele acreditava que a angústia e sofrimento são causados pelo inconsciente.

São as perturbações preservadas nele que alimentam este estado psíquico. (PIMENTA, 2021).

Posteriormente, no ano de 1893, Freud redefiniu o conceito de Neurose para fazer referência à forma como as pessoas relacionam-se consigo mesmas e como reagem à vida. A neurose é um dos pontos principais da psicanálise freudiana.

Ele definiu três categorias de psiconeuroses, transtornos emocionais enraizados em traumas de infância, neuroses atuais (resultantes de impedimentos da satisfação sexual), neuroses de transferência (mecanismo de defesa, como histeria ou fobia) e neuroses narcísicas (quadros psicóticos) (PIMENTA, 2021).

Não obstante, pode-se concluir que as neuroses podem ser tratadas com psicoterapias e/ou psicanálise. A abordagem cognitivo-comportamental é a mais recomendada e utilizada no tratamento de indivíduos psicóticos, uma vez que trabalha na forma de como a pessoa se vê, sente e pensa em relação ao sofrimento e a dor emocional, evitando, dessa maneira, o uso de substâncias psicoativas.

## **USO DE DROGAS: ASPECTOS ETIOLÓGICOS**

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência Cultura- (UNESCO, 1999), apresenta a seguinte definição para drogas, onde afirma que “droga é qualquer substância capaz de modificar a função dos organismos vivos, resultando em mudanças fisiológicas ou de comportamento, e existem diversos tipos e reações causadas por elas.”



As drogas podem ser classificadas como Depressoras da Atividade do Sistema Nervoso Central - SNC ou Psicolépticos: tais como álcool; soníferos ou hipnóticos; ansiolíticos; opiáceos; inalantes ou solventes.

Estimulantes da Atividade do Sistema Nervoso Central - SNC ou Psicoanalépticos. Nesse grupo pode-se encontrar a cocaína e seus derivados como crack e merla; anfetaminas e tabaco (fumo).

Perturbadoras da Atividade do Sistema Nervoso Central – SNC, sendo eles: Alucinógenas ou Psicodislépticas: mescalina (do cacto mexicano); maconha ou THC (tetrahydrocannabinol); psilocibina (cogumelos); lírio (trombeteira, zabumba ou saia branca); LSD; MDMA (ecstasy); anticolinérgicos.

Ainda de acordo com a UNESCO (1999), ela faz uma distinção entre o poder de atuação das drogas no organismo dos seres vivos, demonstrado no quadro 1, sendo elas:

Quadro 1 – Definição e o poder de atuação das drogas

<b>PRINCIPAIS TIPOS DE DROGAS NOCIVAS AO SER HUMANO</b>	
<b>Psicotrópica</b>	Atua sobre o cérebro, alterando de alguma forma o psiquismo.
<b>Medicamento ou fármaco</b>	Droga que atuando em organismos vivos, provoca efeitos benéficos ou úteis.
<b>Tóxico</b>	Droga que é administrada em organismos vivos produz efeitos nocivos.
<b>Estimulantes</b>	Drogas que aceleram o funcionamento do cérebro, como por exemplo: Anfetaminas; Cocaína; Cafeína.
<b>Depressores e/ou Inibidores</b>	Drogas que diminuem a velocidade de funcionamento do cérebro, tais como: Álcool; Hipnóticos não barbitúricos; Barbitúricos; Ansiolíticos; Narcóticos; Solventes (inalantes).
<b>Opiáceos</b>	Perturbadoras ou alucinógenas: são drogas que alteram o funcionamento do cérebro. Nessa classificação pode-se apontar os derivados indólicos, da maconha; ácido lisérgico dietilamida ( LSD-25).

Fonte: APS - UNESCO, 2014.

Assim, é possível compreender que a utilização de substâncias psicoativas pode contribuir para a geração de sensação de prazer, as quais podem alterar, dentre outras funções mentais, a percepção, a inteligência, o raciocínio e o autocontrole. Por essa razão é que os indivíduos que as utilizam perdem totalmente o controle de suas ações, sendo que são direcionados para assaltos, roubos e assassinatos, além do que, existe por trás de todo esse processo o controle dos narcotraficantes, elevando cada vez mais, a incidência de pessoas no tráfico de drogas.

Em toda a história o homem conviveu e experimentou substâncias com as quais buscava interagir. Freud (1930) previa que o sujeito, frente a sua “incompletude fundante” e na busca da felicidade perdida, encontraria nas drogas o método mais eficiente de evitar o sofrimento.

Grossi (2000) Esse alívio propiciado pelas drogas traz a esperança de eliminar a divisão subjetiva, a “incompletude” do sujeito frente a sua falta de ser feliz, que é o motor do desejo humano.

É importante ressaltar que se Freud já previa em seus estudos os problemas que a sociedade no futuro iria enfrentar. Ele entendia que o uso de produtos psicoativos teria um grande impacto, onde a busca da felicidade, de trabalho, emprego, saúde, dentre outros elementos básicos ao ser humano, muitos iriam buscar a solução para os problemas nas drogas, gerando, portanto, um grande problema de saúde nos tempos presentes.

Diante desse contexto é possível encontrar na psicanálise respostas que a ciência, de modo geral, não tem encontrado para solucionar ou amenizar o problema do sofrimento humano na sociedade atual.

## **A DEPENDÊNCIA QUÍMICA COMO SINTOMA PSICOPATOLÓGICO UM ESTUDO EM PSICANÁLISE**

Diante do que foi observado ao longo desta pesquisa bibliográfica sobre o tema referente a esse trabalho, é importante lembrar que Freud não ofereceu nenhuma contribuição sobre o assunto, mas que, de alguma forma contribuiu para que posteriormente outros autores utilizassem seus estudos tanto na teoria quanto na prática para o tratamento de dependentes químicos através da psicanálise.

Assim sendo, é importante ressaltar que os estudos de Freud se fundamentaram nos efeitos da cocaína que era utilizada naquela época (século XIX) como medicamento. Portanto, antes de fundar a teoria da psicanálise, ele se interessou pelo produto que era utilizado no tratamento de soldados dependentes da morfina, e seus efeitos no organismo humano, a qual ele utilizava em si mesmo, ou seja, Freud era também dependente da cocaína (CESAROTTO,1989).

Entretanto, ao procurar responder às questões relacionadas à dependência química como sintoma psicopatológico um estudo em psicanálise, deve-se lembrar que este é um tema bastante abrangente, uma vez que envolve uma série de pesquisas e de tratamentos

fundamentados em diversos tipos de drogas. Não existindo, portanto, um único tratamento, mas um conjunto de terapias clínicas que podem ajudar o indivíduo a se libertar do vício e do consumo de drogas.

Assim sendo, Santiago (2017), referindo-se aos estudos psiquiátricos bem como a “droga do toxicômano como uma parceria clínica na era da ciência”, a respeito do tema acima proposto neste trabalho, ele postula que:

“A toxicomania encontra, portanto, suas origens na psiquiatria, mais especificamente na discussão sobre a mania aplicada à problemática dos distúrbios dos atos impulsivos. As noções capitais de delírios, alucinações e obsessão já contém, então, os germes da controvérsia atual em torno da toxicomania. Na realidade, a polêmica quanto à relação entre jurídico e o patológico atingiu tais proporções que as próprias condições de produção da categoria de toxicomania na psiquiatria se tornaram quase apagadas” (Santiago, 2017, p.84).

No que diz respeito à relação da psicanálise e sua atividade clínica, pode-se observar que a manifestação toxicomaniaca não é exclusiva de qualquer uma das três estruturas propostas, sendo elas: um psicótico, um neurótico ou um perverso podem fazer uso problemático de drogas, e então serem classificados, a partir da referência médica, como quem sofre de transtorno de dependência de substâncias psicoativas (DSM-IV, 1994).

Estabelecer a toxicomania perante o campo da psicanálise é um movimento que o analista faz ao aceitar a presença de um fenômeno bem característico, e ao mesmo tempo continuar contornando a visão ética da referida abordagem, sem esforço em fazer de uma demonstração muitas vezes inacessível à clínica como um conceito psicanalítico.

Miller (1992) faz um alerta ao comentar as definições relativas à toxicomania realizadas pela psicanálise, que segundo ele: “Não é uma definição da toxicomania, e sim uma tentativa de definição da droga enquanto tal. Talvez a que lhe dê todo seu valor. Talvez na experiência analítica nos perguntemos menos pela toxicomania que pela droga em sua relação com o sujeito”.

Assim, é possível adentrar nas questões sobre o objeto droga. O importante nessa explicação é o deslocamento do esforço em construir uma definição própria sobre a toxicomania, para a tentativa de estabelecer articulações entre o objeto droga e o sujeito. Em relação ao segundo termo, de acordo com a psicanálise, o foco é desviado de sua concretude e seus efeitos químicos (MILLER, 1992).

Nesse mesmo sentido psicanalítico, Santiago (2017) procura entender as possíveis relações entre a materialidade do produto droga e seus efeitos, e acrescenta:

“a toxicomania é efeito de um discurso na ciência, o que por sua vez, não é suficiente para lançar as bases de uma estrutura clínica particular. Por outro lado, o reconhecimento de que o uso metódico da droga é um efeito discursivo não esclarece completamente o problema capital da especificidade da relação desse uso com o gozo e, mais particularmente, com o gozo do corpo” (Santiago, 2017, p.181).

Conclui-se, portanto, que as drogas psicoativas, tanto as lícitas, quanto as ilícitas, têm o poder de alterar o sistema mental, social e psicológico no ser humano. Nesse caso, é importante lembrar um pensamento de NIETZSCHE (1844/1985), em sua obra intitulada “Assim falou Zaratustra”, que foi lançado em volume único em 1893, na qual ele afirma:

“Ainda não és livre, ainda procuras a liberdade. As tuas buscas desvelaram-te e envaideceram-te demasiadamente. Queres escalar a altura livre; a tua alma está sedenta de estrelas; mas também os teus maus instintos têm sede de liberdade. Os teus cães selvagens querem ser livres; ladram de alegria no seu covil quando o teu espírito tende a abrir todas as prisões. Para mim, és ainda um preso que sonha com a liberdade” (NIETZSCHE, 2002, p.63).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O modelo atual de vida da maioria das pessoas está relacionado ao uso e consumo de substâncias psicoativas, cujos resultados têm propiciado implicações orgânicas, clínicas e sociais. Existe a preocupação dos órgãos de repressão para o combate aos narcotraficantes que não encontram barreiras para a realização de tráfico de entorpecentes no mundo inteiro.

Aliado às mortes causadas pelo uso dessas substâncias na população em geral, provocadas por doenças como o Câncer de Pulmão, doenças cardiovasculares, neoplasias e o baixo peso de nascimento em recém-nascidos.

Normalmente, na maioria das vezes as complicações clínicas estão relacionadas ao uso de entorpecentes, muito embora se saiba que o diagnóstico precoce permite tratamento e a recuperação do indivíduo. A violência urbana tem proporcionado aos órgãos de saúde e de segurança, a busca por soluções que possam minimizar o problema. E eles ocorrem, na sua grande maioria, nos países subdesenvolvidos (Brasil, Equador, Peru, dentre outros) e nos bairros mais pobres da periferia dos grandes centros.

Nas últimas décadas, o aumento da criminalidade, da violência e superlotação dos presídios, está associado à falta de políticas públicas que possam oferecer à população mais pobre lazer, educação de qualidade, melhoria no relacionamento familiar e a repressão policial.

Ademais, existem inúmeras formas de tratamento, como o isolamento social em clínicas de recuperação, tratamento medicamentoso e, especialmente, tema deste trabalho, existe a psicanálise, e que são convocadas para auxiliar no tratamento da toxicomania. Mas para que esses processos ofereçam resultados, é necessário que o indivíduo reconheça seu problema e busque ajuda nas clínicas especializadas.

Ainda citando o pai da psicanálise, em sua obra “O mal-estar na civilização (1930)”, Freud menciona a intoxicação como uma estratégia muito eficaz para o apaziguamento da dor de existir.

Ao afirmar que a vida é árdua demais para os seres humanos, Freud (1930), lembra que também existem três medidas paliativas a serem consideradas na tentativa de amenizar nosso sofrimento, sendo eles: “Derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela”, conclui.

Pode-se concluir que, as substâncias psicoativas têm contribuído para o aumento da tragédia e da infelicidade entre os seres humanos que fazem uso delas. Isso acontece devido à ausência de uma cura definitiva e de métodos eficazes de controle, sendo que mesmo a psicanálise não conseguiu encontrar fórmulas consistentes para gerir sintomas psicopatológicos.

Cabe, portanto, à sociedade, à escola e aos demais elementos sociais na educação preventiva de crianças, jovens e adolescentes, como forma de controle para evitar o uso dessas drogas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM-IV** 4ª. Ed. Washington, D.C.: American Psychiatric Association, 1994.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre, RS: Art Med, 2014.

CESAROTTO, O. **Um affair freudiano: os escritos de Freud sobre a cocaína**. São Paulo, Iluminuras, 1989.

CUNHA, Jurema Alcides. **Dicionário de termos de psicanálise de Freud**. São Paulo: Globo. 1978.

FREUD, S. **Cinco lições de psicanálise; A história do movimento psicanalítico; O futuro de uma ilusão; O mal-estar na civilização; Esboço de psicanálise**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FREUD, Sigmund. **O mal estar na civilização** (1930). In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GERHARDT, T. E. & SILVEIRA, D. T. (Org). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas. 2002.

GROSSI, F. T. CIRINO, O. A. **Psicóticos e adolescentes: porque se drogam tanto**. Belo Horizonte: Centro de Toxicomania, 2000.

MARTINS, E. R., & CORRÊA, A. K. Lidar com substâncias psicoativas: o significado para o trabalhador de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, 12, 398-405, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich, 1893 **Assim Falou Zaratustra**. Tradução base de José Mendes de Souza. Edições em iSilo, pdf e eBookLibrios eBooksBrasil.org, 2002.

ORNELLAS, C. As doenças e os doentes: a apreensão das práticas médicas no modo de produção capitalista. **Revista Latino- Americana de Enfermagem**, 7, 19-26, 1999.

PIMENTA, Tatiane. **Neurose: conheça as origens, tipos e tratamentos**. Disponível em: Instagram@tatianaacpimenta. Acessado em: 28 de maio de 2021.

SANTIAGO, Jésus. **A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência**. Santiago. 2ª edição revista. - Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

TOSCANO JR., A. Um breve histórico sobre o uso de drogas. In: S. SEIBEL & A. TOSCANO JR. (Eds.). **Dependência de drogas**. São Paulo: Atheneu, 2001.

## CAPÍTULO 4

### CONFLITOS INTERNOS DIANTE DA ACEITAÇÃO DA SEXUALIDADE

*Maria Aparecida de Almeida*

#### RESUMO

O presente trabalho tem como tema “CONFLITOS INTERNOS DIANTE DA ACEITAÇÃO DA SEXUALIDADE”. Tem como objetivo investigar se há correlação no que aconteceu no processo das fases do desenvolvimento que foi recalcado com o que levou essa pessoa a se sentir tão diferente das outras ao ponto de tentar ou pensar em tirar a sua própria vida por ser homo afetivo e ou LGBTQIA+. Através de análise das fases do desenvolvimento infantil e pesquisa por questionário tentou – se investigar a correlação dessas fases com a aceitação da sexualidade.

**Palavras-Chave:** Fases do desenvolvimento infantil; Aceitação da sexualidade; Conflitos internos.

#### INTRODUÇÃO

Ao iniciar os estudos psicanalíticos é notório que todo o processo do desenvolvimento psíquico infantil é proveniente das fases do desenvolvimento humano, onde Freud enfatiza que nossas neuroses tem sempre uma relação com uma ou mais dessas fases do desenvolvimento. Freud define a neurose como a expressão de um conflito entre os desejos do nosso inconsciente.

A partir daí, podemos dizer que para investigar “Os conflitos internos diante da aceitação da sexualidade” é preciso uma vasta análise dessas fases e suas relações com os mesmos.

Uma vez que Freud analisou e afirmou que a criança possui uma sexualidade, é pertinente, a partir de seus escritos, fazer uma análise da relação dessas fases com os conflitos internos diante da aceitação da sexualidade. Esta análise será desenvolvida através de verificação das fases e suas influências no desenvolvimento da sexualidade e identificar uma possível fixação em uma dessas fases.

A pesquisa, através de questionário, também será um suporte de embasamento para o desenvolvimento desse estudo uma vez que se fazem necessários tanto os escritos de Freud quanto informações atuais a respeito da sexualidade e seus conflitos.

Diante da estatística de que grande parte da comunidade LGBTQIA+ já mentalizou ou tentou suicídio, faz-se necessário procurar os motivos pelos quais há confusão no que se entende por diferente e/ou anormal na aceitação da sexualidade.

Diante de todo o contexto Freudiano e da pesquisa pretende-se investigar se existe correlação entre o que aconteceu no processo das fases do desenvolvimento e foi recalcado com o que levou essa pessoa a se sentir tão diferente das outras a ponto de tentar, ou pensar, em tirar a sua própria vida por ser homo afetivo e ou LGBTQIA+.

## **FASES DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL E INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE**

### **FASES DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Ao se aprofundar nas fases do desenvolvimento infantil, nos deparamos com o alicerce de todas as ações e reações da vida adulta, seja ela bem vista pela sociedade ou não. Uma dessas situações é a sexualidade, que nos remete tantas inquietações e conflitos com a família e a sociedade.

Segundo Nasio (1999):

As pulsões sexuais são múltiplas, povoam o território do inconsciente, e sua existência remonta a um ponto longínquo de nossa história, desde o estado embrionário, só vindo a cessar com a morte. Suas manifestações mais marcantes aparecem durante os primeiros cinco anos de nossa infância. (p.47)

A partir daí, começa uma maratona de descoberta e mudanças cruciais e muito decisivas para a nossa saúde mental futura, onde ele se refere às fases do desenvolvimento infantil que inicia do nascimento e vai até os 5 anos de idade.

A Primeira Fase é a Oral vai do 0 até aproximadamente 2 anos de idade. É pelo contato oral que começa o prazer na boca. Segundo (Dossiê super p. 41) "É quando os atos de morder o seio, sugar e engolir o leite materno geram satisfação ao bebê." [...] é caracterizada por Freud por auto-erotismo e pode haver fixações nessa fase desencadeando neuroses futuras, pode ser tanto de muita satisfação como também de uma satisfação precária. Podendo ser compulsão alimentar, beber em excesso, fumar, dentre outros.



A Segunda fase é a Anal, vai mais ou menos entre os 2 a 4 anos, onde a criança descobre as fantasias que há no cocô e começa a ter um controle dos sfíncteres, há o início do desfraldar, tendo também sentimentos bons ou ruins de acordo com o tratamento dado pelos pais nessa fase, podendo haver fixações e conseqüentemente neuroses. Segundo (Dossiê super p. 41) “Freud afirma que a criança considera esse cocô como uma extensão do próprio corpo. E assim se depara com uma das grandes decisões de toda uma vida: fazer ou não fazer?”[...], as crianças ficam fixadas nessa fase em uma bivalência em soltar ou prender o cocô e se isso não for bem conduzido por o responsável há a presença das neuroses como falado acima, segundo Freud pode ser em relação ao dinheiro, higiene. Dentre outras.

A Terceira Fase é a fálica, que vai aproximadamente dos 4 aos 5 anos, sendo assim chamada porque a criança fica focada no pênis no caso dos meninos e na falta de pênis no caso das meninas. Sendo nessa fase que a criança percebe suas diferenças.

Segundo Carvalho (2020):

É nessa fase que a criança percebe as diferenças anatômicas entre meninos e meninas, e também que passa a ter prazer ao manipular seus órgãos genitais. Associa o pênis a uma ideia de poder, já que quem tem pênis em casa é o pai, a pessoa mais poderosa da família – pelo menos, das famílias vienenses da virada do século 19 para o 20, nas quais Freud se baseou. (p. 42)

As crianças começam a se tocar sentindo prazer com esses toques. Os pais, por não terem o devido conhecimento, reprimem e é a partir dessa repreensão que começa as neuroses e vai justamente para sexualidade adulta.

Nessa fase a criança começa a perceber a figura de um terceiro, que pode ser o pai ou a mãe, onde vai acontecer a castração. Até então, nas outras fases a criança estava muito vinculada à mãe e o bebê, já na fase fálica há idealização pelo pai no caso da menina e pela mãe no caso do menino, chamado assim por Freud de complexo de Édipo. Nessa fase eles percebem que o amor e o temor por ambos os pais, a ansiedade de castração são conflitos que não poderão ser resolvidos completamente é nessa descoberta que há o primeiro recalque.

Ressaltando que ainda há mais duas fases que não serão abordadas nesse trabalho, porém são tão importantes quanto às cinco primeiras no estudo da Psicanálise.

## COMPLEXOS DE ÉDIPO

Baseado na Mitologia Grega, onde Édipo mata o pai e casa-se com a mãe, Freud utiliza o termo Complexo de Édipo para explicar a fase em que o menino se apaixona pela mãe e tem seu pai como rival e a menina se apaixona pelo pai e tem sua mãe como rival.

Segundo Násio (2007):

Os corpos daqueles a quem amo me atraem e estão ao alcance da minha mão. E que são eles para uma criança senão seu pai e sua mãe? Como um bichinho travesso, a criança edipiana põe as garras do desejo nas costas de seus pais. Em suma, a criança edipiana é arrastada por um impulso que a leva e pressiona a procurar prazer na troca sensual com os corpos daqueles a quem ama, de quem depende e que também são criaturas desejantes, criaturas que despertam e exercitam seu desejo. (p.25)

Diante de todos os sentimentos existentes e conflituosos do menino, o amor e o temor por ambos os pais, medo de perder o pênis, denominado por Freud como Ansiedade de castração, e o desejo pela mãe, segundo Freud esses conflitos nunca poderão ser resolvidos como desejados pela criança, é nessa percepção que todos esses desejos são recalcados e levados ao inconsciente, assim, o pensamento e a reflexão desses desejos são evitadas. Com isso, chegará o fim do Complexo de Édipo e a criança passa a liberar sua energia para objetos externos de cunho familiar, saindo da fase fálica e passando para fase de latência.

## ÉDIPO INVERTIDO

Ao contrário do complexo de Édipo, como diz o tema, no Édipo Invertido a menina se apaixona pela mãe e o menino se apaixona pelo pai, segundo (NÁSIO, p.81) " Antes o pai era o que queríamos *ser*, um ideal; agora o pai é aquele que queríamos *ter* oferecendo-nos a ele." Observemos nessa fala de Násio que o menino passa pelo processo normal do complexo de Édipo e só depois transfere a energia libidinal que tinha pela mãe para o pai.

Segundo Násio (2007):

O Édipo invertido, tão importante para compreendermos a origem da neurose masculina, consiste em uma reviravolta radical dos sentimentos do menino em relação ao pai: o pai – objeto admirado, odiado e temido – aparece aos olhos da criança como um possível parceiro sexual ao qual ele gostaria de se entregar. O desejo de possuir a mãe transformou-se em desejo de ser possuído pelo pai; e o desejo de afastar o pai transformou-se em desejo de o atrair para si. Eis a dupla inversão da configuração clássica do Édipo masculino. Assim, o pai apresenta-se aos olhos do menino sob quatro aspectos distintos: *amado*

como um ideal, odiado e temido como um rival e desejado como um parceiro sexual, a quem se oferece. (p.81)

Assim como nas fases anteriores, pode-se desenvolver neurose na vida adulta, no Édipo invertido, segundo Násio na citação acima, não é diferente, nesse sentido pode-se dizer que o Complexo de Édipo/Édipo Invertido é um grande laboratório para estudarmos a sexualidade humana.

## **FASES DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL/INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE**

Ao estudarmos as fases do desenvolvimento infantil e principalmente a Fase Fálica, onde nela há o Complexo de Édipo e em alguns casos Édipo Invertido, observamos que a descoberta da sexualidade se dá nessa fase, quando a criança descobre o prazer na parte genital é o falo que fala mais alto, e não necessariamente é o pênis no caso do menino ou a vagina/clitóris no caso da menina, mas tudo que o (a) faz feliz, pois, segundo (NÁSIO, p.78) “Falo é, portanto, o nome que damos a qualquer coisa altamente investida, tão investida e amada que não cessa de ser concreta para ser fantasiada.”, essa fantasia vai para o inconsciente através do recalque.

Recalcar essas fantasias é levar para o inconsciente um turbilhão de informações de como esse corte se deu diante de como foi tratado por pais ou substitutos todo esse processo Edipiano. Pretende-se compreender se esse recalque tem influência na orientação sexual, uma vez que, segundo (NÁSIO, p.82) “Não é porque o menino deseja o pai que se tornará obrigatoriamente homossexual ou neurótico.”, nesse contexto o Édipo Invertido não seria o motivo ou o único motivo pelo qual a pessoa é homossexual. O homo afetivo nesse contexto é apenas uma orientação sexual como a do heterossexual não uma doença ou neurose a ser investigada. Pode-se reforçar essa afirmação quando observamos a comparação que é feita entre as convicções de Freud e Fliess.

Segundo Jorge (2010)

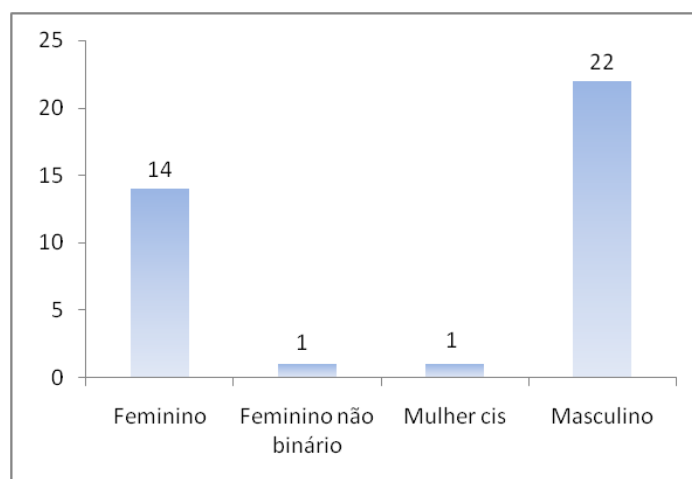
Freud jamais deixaria de falar de bissexualidade até o final de sua obra e a definiu em sua relação com a escolha de objeto, descartando toda e qualquer referência à bissexualidade biológica, tal como Fliess a concebia. A discussão entre eles sobre esse ponto incidia mais precisamente sobre a relação entre a bissexualidade e o recalque: Fliess acreditava que a primeira explicava o segundo, no sentido de que o homem recalca elementos femininos e a mulher, elementos masculinos. Se Freud se insurge contra essa concepção é porque, desse modo, o sexo biológico seria

prevalente e engendraria, como verdadeira palavra final, os processos psíquicos ligados ao recalque. (p. 26)

## ANÁLISE DA PESQUISA

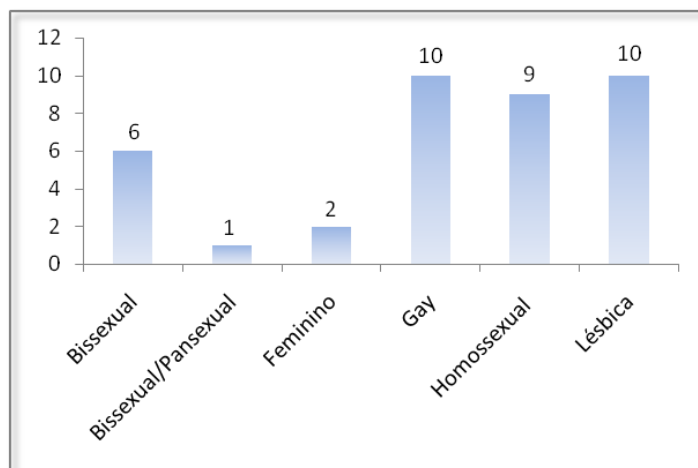
De acordo com o questionário do anexo 01, a pesquisa foi realizada através do Google Drive. Foram feitas oito perguntas encaminhadas através de emails e WhatsApp. 38 pessoas acima de 18 anos responderam de forma anônima, para preservar a identidade de cada um dos que participaram da pesquisa. Abaixo teremos gráficos referentes a sexo (figura 1), orientação sexual (figura 2) e idade (figura 3) referente à orientação sexual.

Figura 1: Sexo dos participantes da pesquisa



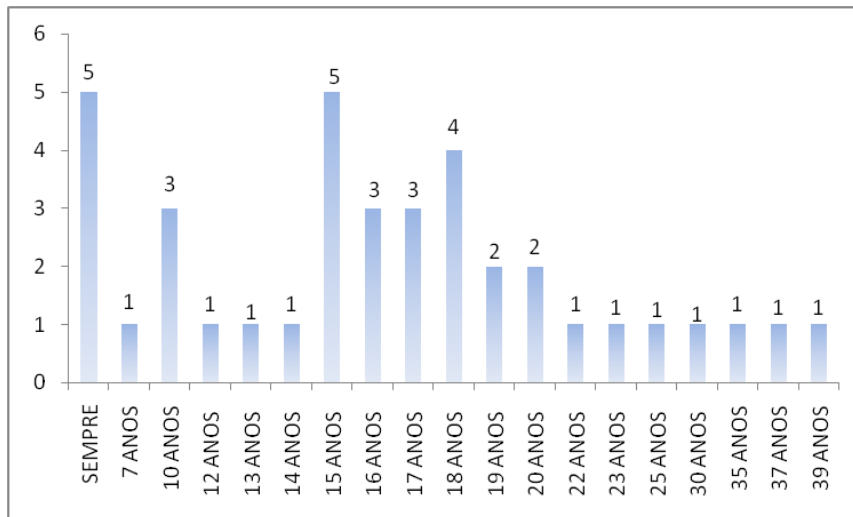
Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Figura 2: Orientação sexual



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Figura 3: Idade e orientação sexual.



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Das 38 pessoas que participaram da pesquisa, em relação ao sexo a maioria se identificou como feminino e masculino, em relação à orientação sexual a maioria se identificou como bissexual, gay, homossexual e lésbica, a idade de identificação vai desde sempre, 07 anos até os 39 anos de idade, sendo que os que responderam desde sempre e com a idade de 15 anos foi à mesma quantidade. Podemos observar que embora tenham respondido sempre não há nenhuma resposta referente à fase fálica que vai de 4 a 5 anos de idade aproximadamente, lembrando que nessa fase é onde acontece o recalque e a castração.

Em relação aos sentimentos da identificação sexual a maioria respondeu medo, insegurança, tristeza, angústia, dentre outros sentimentos de confusão mental, a minoria respondeu liberdade algumas seguidas de medo.

Em relação ao conhecimento familiar das 38 respostas apenas 8 responderam natural o restante ou não contou ou teve algum conflito em relação a atitude dos pais.

Em relação da aceitação sexual e o pensamento de interromper a própria vida das 38 pessoas que responderam a pesquisa apenas 21 pessoas responderam, 14 disseram que não, 06 disseram que sim, 01 e 17 não deram nenhuma resposta. Não tem como chegar a uma conclusão em relação às 17 pessoas que não responderam, embora não estejamos falando do silêncio na terapia e sim de uma sequência de perguntas podemos considerar essa não resposta como uma forma de silêncio.

Segundo Lacan (1967)

Mas se eu nada tenho falado do silêncio, é que, justamente, *siléo não é taceo* o ato de calar – se não libera o sujeito da linguagem. Mesmo se a essência do sujeito, neste ato, alcança seu ápice – se ele agita a sombra da sua liberdade – este calar – se permanece prenhe de um enigma que tem feito pesada, há tanto tempo, a presença do mundo animal. (p. 290, 291)

Essa é uma citação para que reflitamos a respeito das respostas que não foram dadas, pois falar do silêncio seria necessária outra pesquisa. Aqui pretendemos enfatizar que temos um fato muito necessário a ser pesquisado a respeito de LGBTQIA+ e segundo pesquisa as respostas que obtivemos vai de encontro ao (Boletim Epidemiológico do MS, volume 52/set 2021, p.07) que ressalta: “As evidências têm demonstrado ainda maiores riscos de suicídio entre grupos em situação de maior vulnerabilidade, como migrantes e refugiados, população LGBT e povos indígenas. ” Talvez isso se dê devido ao silêncio de mais de 1/3 dos participantes, e nesse sentido Lacan (1967 p. 291) enfatiza, “Disso nós só temos o rastro na fobia, ...”. E o medo “fobia” pode nos calar.

Essas respostas vieram seguidas de relatos como sentimentos de vulnerabilidade, abandono, injustiça, dentre outros citaremos um, “Tão jovem e ter sido sorteado a carregar o peso de algo tão mal visto pela sociedade. ” “Mas o medo, a aflição, e o desespero me fizeram pensar em atravessar a rua com os carros andando. Meu amor próprio não permitiu, eu chorei, aceitei e segui em frente. ” As pulsões de vida e de morte estão bem presentes nessa fala.

Em relação à aceitação da família apenas nove responderam que é normal a convivência os demais ou não falaram ou tem conflitos por conta da sexualidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao analisar as Fases do Desenvolvimento Infantil, observamos que elas são o alicerce para a vida adulta onde as pulsões sexuais “povoam o inconsciente”, essas fases que vão de 0 aos 5 anos nos proporcionam, as fixações, o recalçamento, a castração e se não bem desenvolvidas as neuroses.

Nesse sentido “Os conflitos internos diante da aceitação da sexualidade”, não estão explícitos na teoria das fases do desenvolvimento infantil, porém nos dá respaldos para no sit analítico pesquisar o porquê desses conflitos.

Analisando as entrevistas, podemos perceber que houve certa resistência quando se pergunta a respeito do “pensamento de interromper a própria vida” uma vez que 17

participantes não responderam absolutamente nada nesse quesito, sendo assim o resultado da pesquisa foi de encontro ao (Boletim Epidemiológico do MS, volume 52/set 2021, p.07) que ressalta: “As evidências têm demonstrado ainda maiores riscos de suicídio entre grupos em situação de maior vulnerabilidade, como migrantes e refugiados, **população LGBT e povos indígenas**”.

Nesse aspecto, e diante desses estudos, a orientação sexual é uma incógnita que não encontramos relatos de que as neuroses desenvolvidas nessas fases façam com que o amor homo afetivo desencadeia a partir delas, mas nos deixa uma responsabilidade de tentar entender o porquê que para alguns LGBTQIA+ a sua dor vem a ser maior que a opção pela vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil**. Brasília/DF, v. 52, n. 33. Setembro 2021. Disponível em: [https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim\\_epidemiologico\\_svs\\_33\\_final.pdf/view](https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf/view). Acesso em: 15 outubro 2022.

CARVALHO, Alexandre, **Freud: para entender de uma vez.**— São Paulo: Abril, 2020.

JORGE, Marco Antonio Coutinho, 1952-J71f **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, vol.2: a clínica da fantasia / Marco v.2 Antonio Coutinho Jorge. — Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. **A lógica do fantasma, Seminário de 1966-1967**. Tradução de Amélia Lyra et al. - Recife: CENTRO DE ESTUDOS FREUDIANO DO RECIFE, 2008.

NASIO, Juan David, **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa** / J.-D. Nasio; tradução, André Telles. — Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NASIO, Juan David, **O prazer de ler Freud** / J.-D. Nasio; [tradução, Lucy Magalhães; revisão técnica, Marco Antonio Coutinho Jorge]. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1999.

## CAPÍTULO 5

### A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS E DAS FANTASIAS NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO SUJEITO SOB A ÓTICA DA PSICANÁLISE

*Neuza Betencourt De Oliveira*

#### RESUMO

Este trabalho traz uma abordagem com foco no Livro “A Psicanálise dos Contos de Fadas” de Bruno Bettelheim e tem como tema: A Importância dos Contos de Fadas e das Fantasia na Constituição Psíquica do Sujeito sob a ótica da psicanálise. Traz reflexões sobre a relevância das histórias no processo de pertencimento e autoconhecimento da criança. O artigo traz o conceito de “sujeito” na visão psicanalítica e sua constituição psíquica a partir da infância e no encontro com o outro. Essa pesquisa é realizada com base nas teorias psicanalíticas freudianas, Bruno Bettelheim, e as contribuições de Nelly Novaes, Fanny Abramovich, Ana Maria Machado, Monteiro Lobato com as Reinações de Narizinho, Ziraldo, Ruth Rocha, Maria Clara Machado, dentre outros... Preocupados em produzir histórias adequadas para cada fase da criança em seu processo de construção da subjetividade abordando o inconsciente humano e como ele se apresenta e se transforma a partir da contação das histórias. Segundo eles, os Contos clássicos exercem até hoje um papel essencial no desenvolvimento humano, psíquico-emocional. Partindo do pensamento de alguns críticos literários, quando a criança é apresentada às histórias clássicas desde cedo, tenderá a ficar mais preparada a partir de uma realidade a outra através da compreensão da história, transpondo do ficcional para o factual para que futuramente consiga praticar conceitos de acordo com seu processo do desenvolvimento psíquico-emocional. Discute também a necessidade da conscientização dos pais, no sentido de inserir histórias para seus filhos desde o nascimento, como um agente facilitador no processo da construção da personalidade. Os Contos de Fadas provindos da tradição oral em que inicialmente destinavam-se aos adultos passaram a ter um valor inestimável na formação da subjetividade infantil, trazendo conteúdos importantes, que falam diretamente ao inconsciente.

**Palavras-chave:** Sujeito. Constituição Psíquica. Psicanálise dos Contos de Fadas. Autores.

#### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se desenvolve a partir de uma perspectiva psicanalítica dos Contos de Fadas de Bruno Bettelheim (1903/1990) e tem como foco apontar os porquês da importância dos Contos de Fadas e das Fantasia no processo da construção da subjetividade do sujeito.

A inserção literária necessária, que fundamenta os princípios educativos a partir dos ensinamentos do que os Contos de Fadas têm a dizer nas entrelinhas para a criança. Essa



pesquisa pode levar á vários questionamentos sobre o universo dos adultos e como estes são constituídos e influenciados.

A criança, desde sua vinda ao mundo, é requerida a compartilhar os enunciados dos ancestrais, assegurando a continuidade geracional e a identidade familiar, às vezes, ao custo de sua integridade psíquica e até mesmo somática, já que estes enunciados poderão contradizer suas próprias percepções internas e externas.

A partir do pensamento de muitos autores da literatura infantil, quando os Contos de Fadas são precocemente acessados no período da infância, possivelmente serão adultos mais equilibrados emocionalmente, sendo assim, sujeitos saudáveis em suas relações sociais.

De acordo com essa tese, o sujeito (criança) passa por um processo de identificação através das estórias dos Contos de fadas, fazendo suas projeções diante de sua estória de vida ou seu objeto de sofrimento, se fundamentando nessa energia psíquica que vai desencadeando e liberando o instinto de sobrevivência (pulsão de vida-Freud) se apropriando de um mecanismo de defesa (repressão) para lidar e enfrentar com os seus conflitos interiores.

Não é surpreendente descobrir que a psicanálise confirma nosso reconhecimento do lugar importante que os contos de fadas populares alcançaram na vida mental dos nossos filhos. Em algumas pessoas, a rememoração de seus Contos de Fadas favoritos ocupa o lugar das lembranças de sua própria infância: elas transformaram esses contos em lembranças encobridoras (FREUD, 1913 / 1996.).

Esse trabalho de conclusão do curso tematizando a Psicanálise dos Contos de Fadas de Bruno Bettelheim traz reflexões frente ao efeito das próprias questões interiores do ser humano, sobretudo marcado pelas crises existenciais. Segundo o autor os Contos Clássicos contribui e muito no processo do desenvolvimento psicossocial da criança e que a partir da oralidade dos contos o processo de construção da personalidade da criança vai ficando aflorado, sobretudo com um alicerce psíquico que fatalmente lhe norteará em direção à autoconfiança, o discernimento e a condução mais assertiva na vida pra que interiormente sua individualidade se fortaleça quando no enfrentamento dos seus conflitos inconscientes ou seus medos com relação aos desafios diários com maior saúde emocional, logo, sem correr o risco de adoecimento psíquico.

## A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO SUJEITO PARA A PSICANÁLISE

“A psicanálise sente-se à vontade no terreno das narrativas, afinal, trocando em miúdos, uma vida é uma história, e o que contamos dela é sempre algum tipo de ficção; sempre será uma trama, da qual parcialmente escrevemos o roteiro” (CORSO&CORSO, 2014).

Sem dúvida, a psicanálise ocupou e ocupa até hoje um papel fundamental neste novo olhar lançado para a criança; inicialmente a criança é tida como um ser sem importância, imaturo e assexuado que perpassa pela não admissão do seu desejo; e foi somente a partir de Freud que esta concepção se atualiza, compreendendo a criança como um ser de natureza infantil, cuja sexualidade não mais poderia ser confundida com a sexualidade adulta, de acordo com Costa (2007).

Esse foi um momento teórico muito importante no desenvolvimento da teoria psicanalítica, no qual o relevante não é mais os fatos da infância, mas a realidade psíquica, constituída pelos desejos inconscientes e pelas fantasias a ela vinculadas, tendo como pano de fundo a sexualidade infantil (COSTA, 2007, p.14).

De acordo com Zanetti e Gomes (2012), uma parte do que é singular no sujeito sempre se origina naquilo que ele herdou, adquiriu e transformou, ou no que permaneceu sem transformação. Dessa forma, as alianças inconscientes proporcionam o processo de subjetivação, uma vez que ao procurar se diferenciar dessas influências, o sujeito poderá transformá-las em algo que realmente lhe seja próprio.

A noção de sujeito na Psicanálise remonta à teoria freudiana, ainda que nela careça de definição formal, surge implicitamente nos textos de Freud contrapondo-se à noção de cogito cartesiano e à supremacia do eu. Em pulsões e suas vicissitudes, Freud (1915/1996) qualifica o sujeito (der Subjekt) pelo duplo movimento que o constitui: pela inversão das “polaridades pulsionais ativo-passivas e pelo retorno das posições correlativas do objeto e do sujeito, do ego e do outro” (Barroso, 2012; Kaes, 2011).

O mundo sociocultural torna-se importante elemento para o entendimento dos processos da constituição psíquica do sujeito. Somos sujeitos singulares e que, portanto estamos sempre em construção enquanto seres sociais, pois precisamos estabelecer uma boa relação social com os grupos, requisito indispensável para uma convivência harmoniosa como parte do processo do desenvolvimento humano.

Segundo Cabas (2009), em Freud, sujeito não é um conceito construído explicitamente, mas algo que surge nas entrelinhas apresentando-se como o nome do

desejo. Mostra-se estranho e estrangeiro ao eu (ego) porque é inconsciente, oriundo dos imperativos da pulsão. Ele é o que insiste a repetição que se impõe. Logo, o sujeito não existe por si, mas pode advir a partir do inconsciente.

Kaes (2011) utiliza a noção de sujeito para descrever um modo de existência que se encontra sob o efeito de uma ordem da realidade que o governa e o organiza: suas pulsões, suas fantasias, seus desejos e seus conflitos inconscientes. No entanto, para o autor, o sujeito não é dividido somente a partir de dentro, pelo efeito da Spaltung (dissociação). Divide-se também entre a realização de seu próprio fim e o lugar que ele assume nos vínculos que o constituíram. Essa segunda divisão é, também, estrutural e exerce um efeito decisivo sobre a formação do sujeito do inconsciente.

Reflete também uma crítica a partir da preocupação dos autores e críticos como Fanny Abramovich, Nelly Novaes Coelho, Regina Zilberman, dentre outros preocupados em estudar o contexto literário e sua importância para a constituição psíquica do sujeito.

Segundo esses autores, a literatura deverá fazer parte do processo do ensino, envolvendo a participação mais efetiva dos pais, comunidade e sociedade em geral, capacitando a formação de leitores conscientes e participativos frente ao processo de desenvolvimento socioemocional e cultural. Entende-se que a partir dos Contos de Fadas a criança poderá ser capaz de encarar seus medos e enfrentar os desafios.

A criança aprende inconscientemente a se preparar para a entrada no mundo real, reconhecendo suas fraquezas e potencializando suas defesas. Somente assim, a criança passa pelo processo da maturidade psicológica, requisito indispensável para o desenvolvimento saudável de sua personalidade. Segundo a pesquisa a leitura dos clássicos “Contos de Fadas”, possibilita que a criança se familiarize desde cedo com as diversidades que há no mundo real e suas construções sociais e que muitas vezes precisa recorrer aos mecanismos de defesas para o enfrentamento dos seus medos e conflitos existenciais.

Os homens desde os primórdios, já contavam histórias clássicas e essa tradição já faz parte do nosso legado cultural. E quando falamos em literatura infantil, nos remetemos a história do chapeuzinho vermelho, Gata Borralheira, Soldadinho de chumbo, O gato de botas, de Charles Perrault e muitos outros.

E todas essas histórias fazem parte da infância, o mundo da fantasia e de conhecer o novo e o mágico, tão fundamentais para o processo de desenvolvimento humano, com direcionamentos e ensinamentos através do lúdico, sendo assim, a criança vislumbra conhecimentos e caminhos sustentados pelo sentido do imaginário, partindo daquela contação de histórias, cultivando esse imaginário como parte de um processo de saúde

mental, aprendendo verdades fantásticas através das estórias, trazendo com ela uma mensagem implícita, a qual corrobora também com o desenvolvimento do ensino e aprendizagem de toda uma geração.

“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas de compreensão do mundo...” (FANNY ABRAMOVICH).

### **CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS SEGUNDO A PSICANÁLISE.**

Os Contos de Fadas serão apresentados nesta pesquisa através de uma análise do Livro “A Psicanálise dos contos de Fadas” de Bruno Bettelheim e com embasamento na teoria psicanalítica de Sigmund Freud.

Estórias edificantes como: Chapeuzinho vermelho, João e Maria, Alice no País das Maravilhas, O gato de Botas, Anderson “O Patinho feio”, João e o Pé de Feijão, são clássicos que carregam nas entrelinhas um significado do que acontece com a psique humana e os seus desdobramentos sócioemocionais.

No livro Psicanálise dos Contos de Fadas, Bettelheim apresentou as estórias como eram contadas em seus primeiros registros, com a presença da violência quase brutal e dos tabus, como o do incesto. Seguindo as ideias freudianas, afirmava que essa violência é inerente ao ser humano e, por isso, atrai tanto a atenção das crianças. Isso explicaria, por exemplo, por que o lobo fascina tanto os pequenos.

O Conto de Fadas recriava, também, a saga do herói: a busca das origens, o enfrentamento de problemas, a superação dos obstáculos e a obtenção da glória e do sucesso. Essa jornada demonstraria o desenvolvimento interior da criança e os rituais de passagem em suas diversas etapas de desenvolvimento.

Para Bettelheim, essas ficções ajudavam a criança a recriar internamente seus próprios dramas pessoais, pois permitiam que elas se imaginassem na história e aprendessem a lidar com seus conflitos interiores. Por meio dessas narrativas, a criança vislumbrava maneiras de lidar com seus medos, suas falhas, assim como de resolver as questões que se colocavam como obstáculos para seu desenvolvimento emocional.

Não se pode dizer que um determinado conto de fadas se destina a um tipo específico de criança ou mesmo uma idade adequada. Somente o ouvinte poderá determinar a força com que reage emocionalmente, como subjetiva o problema apresentado como faz suas identificações e enfrentamentos constituindo uma oportunidade única de sentir que ele, por conta própria, por meio de repetidas audições e rumações acerca da estória, galgou êxito numa situação difícil (BETTELHEIM, 2007).

## **ANÁLISE PSICANALÍTICA DOS CLÁSSICOS - CONTOS DE FADAS**

Após o estudo da obra, A Psicanálise dos Contos de Fadas, de Bruno Bettelheim, pode-se observar a importância dos contos, na vida de uma criança desde a tenra idade. Ele relata e explica através dos contos de o impacto psicológico de situações em acontecimentos envoltos a criança dando respostas a comportamentos e mostrando a visão infantil acerca de determinados assuntos.

Com essas relações ele tenta passar para a criança ensinamentos para as resoluções de conflitos e problemas do cotidiano, desvendando uma realidade que os rodeiam. Os contos além de entreter a criança, possuem princípios relevantes, direcionando caminhos e construindo sonhos para uma vida com bases sólidas dentro de uma realidade específica, logo a descoberta de sua identidade e o desenvolvimento da linguagem.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si própria e favorece o desenvolvimento de sua personalidade, oferece tantos níveis distintos de significação e enriquece a sua existência de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à profusão de diversidade das contribuições por esses contos à vida da criança. (BETTELHEIM, 2007, P.20).

As primeiras estórias surgidas foram a de Chapeuzinho vermelho, Cinderela, Soldadinho de chumbo, O gato de botas e muitos outros. Depois disso, surgiram mais escritores como Esopo, que diziam que era analfabeto, mas que contava muitas estórias, as fábulas de La Fontaine os irmãos Grimm e muitos outros, que despertaram a curiosidade da criança para a descoberta de outras possibilidades de sonhos.

No decorrer da pesquisa podemos constatar que os Contos de Fadas induzem a criança desde cedo na descoberta de coisas novas, a compreender novos conceitos e direções diversas de caminhos para resolver os conflitos. É importante destacar a anulação dos contos de fadas pelos pais que fecham a visão do que está intrínseca nos contos, escondendo ou não acreditando neles tirando muitas vezes da criança o desejo de sonhar.

Todas as estórias possuem suas características na fantasia, como na visão do herói que sempre se dá bem no final e o castigo que ocorre com os maus. Eles mostram os

impulsos reais e como é difícil aceitar a imaginação que cercam os contos. Pode-se visualizar no conto de João e Maria, partindo-se de uma realidade socioeconômico de uma família, relatam-se os porquês do abandono da criança; houve uma separação familiar e suas consequências.

Chapeuzinho Vermelho é um conto clássico, e trata do conflito edipiano que é reativado na adolescência. A sexualidade nascente de Chapeuzinho Vermelho é dirigida a seu pai-lobo, que é a externalização dos perigos dos desejos edipiano opressores. Além disso, o pai também é representado pelo caçador em seu papel protetor e salvador. Na verdade, pode-se observar a divisão da figura do pai em um animal feroz, ameaçador e um caçador gentil e prestativo.

Segundo análise psicanalítica os Contos Clássicos agregam valor simbólico à criança que, ao deparar-se com seu Complexo de Édipo, terá dificuldades para realizar suas escolhas. As interpretações possíveis que partem da estória são uma alusão ao potencial de sedução contido nas relações com os adultos, que muitas vezes revelam seu lado obscuro, mostrando sua face “selvagem” no lugar de sua face doméstica; as crianças correm riscos por sua ingenuidade, pois existe a maldade de alguns lobos perversos à solta por aí... Mas, não lhe é negada a verdade de que sua curiosidade e seus desejos eróticos confusos representam um perigo ainda maior.

Afinal, há algo em nós que nos aproxima do Lobo Mau, há algo que nos encanta, caso contrário ele não teria poder sobre nós. É importante saber o que torna o Lobo Mau atraente. (BETTELHEIM,2007)

Hoje as editoras, inovam com relação à literatura infantil, de forma que os livros se tornem mais atraentes para esse público, recheados de ilustrações, garantindo ao texto uma leitura mais precisa diante das imagens em movimento através da ludicidade, logo a criança se encanta ao abrir, pois a estórias já se faz presente através da própria imagem, dando ao texto sua leitura automática, sendo este peça chave para o entendimento da obra.

Em Panorama Histórico da Literatura Infantil / Juvenil, Nelly Novaes Coelho procura, em suas próprias palavras, “rastrear a gênese e a evolução da Literatura Infantil, desde suas origens populares indo-europeias até o Brasil contemporâneo”.

Não somente esta autora, mas grande parte dos críticos de Literatura Infantil Brasileira considera Monteiro Lobato um “divisor de águas”, que separa o que havia antes e o que há hoje em termos de literatura para crianças e jovens no Brasil. Segundo estudos, a partir da publicação de A menina do narizinho arrebitado (1920), a criança passa a ter uma literatura elaborada sem os propósitos nacionalistas e/ou moralistas que imperavam até

então. Nelly atribui ao sucesso da obra o fato de as crianças se identificarem com as situações narradas, e compara-a a Alice no País das Maravilhas (Lewis Carroll, 1862), cujo enredo, segundo a autora, “funde o real e o maravilhoso em uma única realidade”.

Ainda segundo Nelly Novaes, “com a expansão da rede escolar, cresce também a produção literária Infantil”. Além de Lobato, outros autores continuavam a publicar obras infantis, muitas delas com “a intencionalidade pedagógica” legitimada pelo “saber através do estudo”. Porém, segundo a autora, “além de Lobato e das obras clássicas traduzidas ou adaptadas, apenas alguns escritores atingiram a desejável literariedade”, citando, entre outros, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Orígenes Lessa e Viriato Correia.

O livro *Literatura Infantil, gostosuras e bobices*, de Fanny Abramovich, ressalta a questão dos estereótipos criados com os personagens das histórias infantis, e a importância das ilustrações detendo o poder sobre a imaginação criativa infantil, quando a visualização por parte da criança na imagem da bruxa, ali ela é tida como uma pessoa má, feia e sem nenhuma qualidade, não permitido que a criança pense e lhe dê um sentido diferente àquela figura de senhora, como por exemplo, uma pessoa boa e conhecedora de muitos saberes e isso vão gerando um estereótipo na visualização desta personagem, inclusive é muito comum o negro que sempre aparece como um serviçal, como um ser inferior na categoria das profissões, às vezes o texto não diz isso, porém em algum livro, as imagens acabam endossando o disparate do preconceito e formando opiniões distorcidas na sociedade, o certo dentro da literatura infantil é olhar o todo da ilustração, com outras possibilidades de ver a situação, alertar o aluno para que não se cristalice os estereótipos, tendo aquela imagem como ideal e verdadeira, se posicionando criticamente frente a isso tudo.

Segundo Fanny (1995) as histórias infantis, sempre fizeram parte de sua vida e em suas lembranças quando pequena, ela consegue lembrar-se da sua mãe contando histórias da cinderela para que ela dormisse. Tem ciência que foi muito significativo durante as fases de seu desenvolvimento pessoal. Como criança ela apreciava ouvir muitas histórias contadas por sua mãe, que usava o lúdico e muito humor e assim Fanny cresce com uma percepção privilegiada de enxergar o mundo literário com muito colorido e imaginação. A autora (Fanny) declara que, quanto mais cedo a criança é apresentada a leitura, com certeza cresce sabendo que isso tudo faz parte do seu crescimento, e que ativando o gosto de ler, gera a possibilidade de ser um leitor em busca das descobertas e desenvolvendo seu espírito criativo. Está comprovado mediante os críticos de literatura infantil, que a poesia e os contos de fadas têm seu papel fundamental para o desenvolvimento da apreciação crítica da leitura da criança.

É ouvindo estórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais. E viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar (...). Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1995, P.17).

A importância de ouvir histórias na formação da criança é o primeiro passo para a formação de um leitor, e que ser um leitor não é simplesmente ter o hábito de ler e sim citando Fanny Abramovich (1989, p.16) ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão de mundo. Que o primeiro contato de uma criança com o texto é feito oralmente, ler histórias além de estabelecer estes primeiros passos, é instigar o imaginário. Ouvir histórias ainda pode despertar emoções importantes como: medo, raiva, tristeza, irritação, bem estar, e ainda que através das histórias podem-se descobrir outros lugares.

Os contos de fadas falam de autodescobertas e de descobertas da própria identidade, o que é fundamental para o crescimento e desenvolvimento da personalidade da criança. Como na estória tão conhecida de Andersen em “O patinho feio”, que trata da rejeição pelo diferente, tratando da difícil caminhada que tem de ser feita para nos conhecermos verdadeiramente. E o poder em que há em conhecermos nossa verdadeira identidade, enquanto todos os patos o rejeitavam por ser diferente dos demais na verdade ele era um lindo cisne.

Como em “Joãozinho e o pé de feijão” e quais são os gigantes que as crianças enfrentam.

Os contos de fadas falam de perdas e buscas falam também de esquecimentos, e abandonos daquilo que um dia foi significativo. Falam de crescimento e de buscas. Fala de tristeza de desconfortos de revelações de sexualidade, da vida, da morte, de ciclos que iniciam e fecham. Das dificuldades e da necessidade de provar a nossa capacidade a cada instante, de como temos que afirmar nosso valor como pessoa, que é nossa identidade que será alcançada depois de muito sofrimento, rejeição, turbulências e busca. Falam de pessoas e a busca da felicidade e suas vicissitudes. Fala de fantasia do poder que há no sonhar no desejar e projetar. O imaginar é também reciclar ideias.

É muito comum que as crianças exijam que lhe contem as estórias repetidas vezes; essa relação quase maníaca e obsessiva da criança com a narrativa é essencial. Chauí (1984) corrobora que há um sentido de estabilidade – o fato de permanecer sem alteração, medo, elas exigem que os adultos repitam várias vezes os trechos mais amedrontadores



dos contos de fadas, o medo é uma das sementes privilegiadas da fantasia e da invenção, é um sentimento vital que nos protege dos riscos da morte.

Em função dele, incitamos também o sentido de curiosidade e coragem, possibilitando a expansão das pulsões de vida. O medo, o prazer do mistério e o desafio respondem o máximo de suas fantasias de onipotência (CORSO, 2006).

Bettelheim (2007) diz que a criança precisa entender o que está se passando dentro de seu consciente, para que possa também, enfrentar o que se passa em seu inconsciente; a criança pode atingir esse entendimento, e, com ele, a capacidade de enfrentamento, não pela compreensão racional da natureza e do conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele graças à fabricação de devaneios, ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos externos dentro dos contos de fadas apropriados em resposta a pressões inconscientes. Ao fazer isso, a criança adapta o seu conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, e isso a ajuda lidar consigo mesma.

O inconsciente é um determinante poderoso do comportamento humano, e se ele é recalçado e nega-se a entrada de seu conteúdo à consciência, eventualmente a mente consciente será dominada por derivativos desses elementos inconscientes, caso contrário, esta se verá forçada a manter um controle de tal forma rígido e compulsivo sobre eles que sua personalidade poderá vir a ser gravemente danificada. Mas, quando o material inconsciente tem permissão de aflorar à consciência e ser trabalhado na imaginação, seus danos potenciais ficam reduzidos (BETTELHEIM, 2007).

Ouvir histórias é um dos recursos das crianças que lhes situam num lugar, família e no mundo. “Essa linguagem possibilita aos pequenos um contato com a realidade que lhes ocultamos quando não queremos dizer a quão pesada é a vida e que tememos que percam as esperanças” (CORSO, 2006).

Bettelheim (2007, p.13), diz ainda: “os contos de fadas têm um valor inigualável, pois oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela seria incapaz de descobrir por si só de modo tão verdadeiro”.

Há uma tendência nos pais de afastar os filhos de suas angústias, fantasias raivosas e violentas, como se a natureza humana não fosse a própria fonte; ao invés disso, pretendem que seus filhos acreditem que os homens são inerentemente bons, sem contar que elas próprias reconhecem em si tais sentimentos, contradizendo o que lhes é dito pelos pais e, desse modo, a criança acaba se vendo como um monstro (BETTELHEIM, 2007).

Segundo Bettelheim (2007), procura-se ensinar que o lado obscuro do homem não existe, retratando um otimismo irreal. A psicanálise foi criada para capacitar ao homem aceitar a natureza problemática da vida e não ser derrotado por ela, só se lutando contra o

que aparenta serem desvantagens esmagadoras o homem consegue encontrar sentido em sua existência.

Os contos de fadas transmitem essa mensagem para a criança de forma variada, que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, faz parte da existência humana, mas que se a pessoa não se intimida e se defronta com as provações inesperadas e muitas vezes injustiçadas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa (BETTELHEIM, 2007).

Conforme Corso (2006), um dia as crianças terão de enfrentar situações difíceis; os contos de fadas funcionam como antecipações que lhes permitem dominar o medo do “mundo cruel” que mais cedo ou mais tarde certamente terão de enfrentar. Os contos de fadas ajudam-nas a elaborar seus conflitos mais íntimos.

## **DEFENSORES DO PÚBLICO INFANTIL**

De acordo com estudos publicados, antes do século XVII, ainda não existia uma literatura voltada para o público infantil, pois a criança era vista como um adulto em miniatura, pois o sentimento de afetividade com a criança por parte dos seus pais não havia, inclusive a criança trabalhava na roça para ajudar também no seu sustento, ou seja, a criança não vivenciava essa etapa de sua infância, sem a presença de histórias direcionadas exclusivamente para ela.

A partir do século XVII na França, Charles Perrault, observando essa problemática lançou um olhar diferenciado e resolveu ajudar a mudar essa realidade em torno da criança, dando a ela uma possibilidade de educação, partindo para a criação da literatura infantil, pois até então as histórias da época eram escritas apenas para as mulheres da burguesia, que se distraíam enquanto faziam seus bordados. No entanto, Perrault passou a escrever para esse público, e todas elas voltadas com um fundo de verdade a respeito das classes sociais e o seu comportamento, em meio a registros culturais de um povo.

Precisamos retomar claramente o pensamento de alguns autores e suas obras fantásticas no campo da literatura infanto-juvenil, tais como: Nelly Novaes Coelho, Fanny Abramovich, Ezequiel Theodoro Silva, Ana Maria Machado, Esther Grossi e, claro, o pioneiro da literatura infantil no Brasil, Monteiro Lobato. Partindo dessas obras e de seus conceituados autores é que elaboramos este trabalho. Para eles, a literatura para crianças é uma ferramenta indispensável desde o nascimento, sendo desta forma um dos alicerces primordiais para o desenvolvimento de sua personalidade saudável.

As crianças exigem o novo, até porque observam com naturalidade o que muitas vezes nos parece estranho. Elas, devido às potencialidades do seu pensamento, são muito contemporâneas, isto é, atualizadas em suas concepções sobre o mundo: enxergam os sentidos nas frestas, fissuras e nichos, por onde conseguem escapar da lógica habitual.

E estas frestas são cifras, nunca totalmente impenetráveis, nunca inteiramente transponíveis: o conhecimento humano é para elas sempre uma infinita abertura de possibilidades de pensamento e linguagens que, entretanto, não se confundem com a verdade (DEHEINZELIN, 1996, p. 22-23).

Abramovich (2004, p. 61), nos traz uma realidade intrigante, provocando uma séria reflexão individual: “Como falar mais de encantamento da história, das emoções sentidas e vividas pelos personagens, das sofrências e alegrias, dos sufocos e deslumbrâncias, se eu deixei passar batido tudo isso em mim? Como fazer a criança ou o jovem lerem se eu leio tão pouco? (...)”

Para Nelly Novaes Coelho, a literatura infantil, em essência, tem a mesma natureza da que se destina aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza de seu leitor/receptor: a criança. (COELHO, 2009, p. 29). O fato de o conjunto de receptores pertencerem ao mundo infantil não altera em nada a definição construída por Antônio Candido, até porque ele em nenhum momento explicitou a exigência de um leitor adulto.

Preocupado em valorizar o Brasil, Monteiro Lobato, foi um idealizador. Quis sempre pôr o Brasil em 1º lugar, criou às três primeiras editoras trabalhou incansavelmente para transmitir para a sociedade o sentido das mudanças e as desigualdades sociais, através de suas obras, a que fora preso e questionado sobre sua linha de pensamento diante das posições questionadoras e contrárias ao governo brasileiro. Monteiro Lobato foi o responsável pela nacionalização por esse tipo de obras, recuperando o costume da roça e lendas do folclore nacional e fez muito mais, misturou com elementos da literatura universal da mitologia grega dos quadrinhos e do cinema, em seguida a literatura voltada ao público jovem ganhou ainda mais força com Ziraldo, Ruth Rocha, Maria Clara Machado dentre outros autores.

Segundo Ziraldo, estudar é muito importante, mas ler é mais importante ainda, pois a criança transcende sua condição humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do sujeito psicanalítico está na impressão de um inconsciente representado pela figura materna e paterna. Esta relação hoje já não está presente em todas as famílias. Na atualidade, a necessidade do capital faz com que a criança se depare com um amadurecimento precoce da separação que nem sempre é satisfatória para a constituição da subjetividade. De acordo com Zanetti e Gomes (2012), uma parte do que é singular no sujeito sempre se origina naquilo que ele herdou, adquiriu e transformou, ou no que permaneceu sem transformação. Dessa forma, as alianças inconscientes proporcionam o processo de subjetivação, uma vez que ao procurar se diferenciar dessas influências, o sujeito poderá transformá-las em algo que realmente lhe seja próprio.

Os contos de fadas são importantes pelo valor das representações simbólicas, as crianças os aceitam e os compreendem intuitivamente, enquanto adultos tendem a tomar as coisas literalmente. O poder da fantasia faz com que os Contos de Fadas não envelheçam, eles sobrevivem a diversas adaptações pela qualidade de fazer-se realidade no mundo maravilhoso da fantasia infantil. O mundo sociocultural torna-se importante elemento para o entendimento dos processos da constituição psíquica do sujeito.

A noção de sujeito na Psicanálise remonta à teoria freudiana, ainda que nela careça de definição formal, surge implicitamente nos textos de Freud contrapondo-se à noção de cogito cartesiano e à supremacia do eu. Em pulsões e suas vicissitudes, Freud (1915/1996) qualifica o sujeito (der Subjekt) pelo duplo movimento que o constitui: pela inversão das polaridades pulsionais ativo-passivas e pelo retorno das posições correlativas do objeto e do sujeito, do ego e do outro (BARROSO, 2012; KAES, 2011). Segundo Cabas (2009), em Freud, sujeito não é um conceito construído explicitamente, mas algo que surge nas entrelinhas apresentando-se como o nome do desejo. Mostra-se estranho e estrangeiro ao eu (ego) porque é inconsciente, oriundo dos imperativos da pulsão. Ele é o que insiste a repetição que se impõe. Logo, o sujeito não existe por si, mas pode advir a partir do inconsciente.

Kaes (2011) utiliza a noção de sujeito para descrever um modo de existência que se encontra sob o efeito de uma ordem da realidade que o governa e o organiza: suas pulsões, suas fantasias, seus desejos e seus conflitos inconscientes. No entanto, para o autor, o sujeito não é dividido somente a partir de dentro, pelo efeito da Spaltung(dissociação). Divide-se também entre a realização de seu próprio fim e o lugar que ele assume nos

vínculos que o constituíram. Essa segunda divisão é, também, estrutural e exerce um efeito decisivo sobre a formação do sujeito do inconsciente.

A partir das análises dos Contos de Fadas, é possível compreender o quanto desempenhou a função organizacional na vida psíquica de um ser humano em plena construção da sua personalidade. Cada indivíduo cresce, aprende com as vivências dos personagens das estórias e vai se constituindo enquanto sujeito e compreendendo tudo que é fruto da natureza humana, tudo que se passa dentro de nós, e como lidar com expressões próprias da nossa individualidade e da individualidade do outro e buscando fortalecer o seu eu (ego- segunda tópica em Freud) para atuar no mundo de forma mais presente com maior discernimento e empatia. Através das estórias é possível levar ao autoconhecimento, transformando a si mesmo e reverberando em ações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fani. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.

BERNARDINO, L. M. F. (Org.). **O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição**. São Paulo: Escuta, 2006.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21. Ed. Tradução Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. SP: Paz e Terra, 7ª ed, 1980.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez. 1995.

CANDIDO, Antônio. et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2009.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)**. São Paulo/Rio de Janeiro: FAPESP Ouro sobre azul, 2009.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação**. São Paulo: Paulus, 2002.

CHAUÍ, M. **Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1986.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil, teoria, análise, didática**. São Paulo: Ed. Moderna, 2009.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, T. **Psicanálise com crianças**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CUNHA, Maria Antonieta A. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

DEHEINZELIN, Monique. **Construtivismo: A poética das transformações**. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação e conscientização: extencionismo rural**. Cuernavaca (México): CIDOC/Cuaderno 25, 1968.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979. Sem ódio nem violência: a perspectiva da liberdade segundo Paulo Freire. São Paulo: Loyola, 1979.

KAES, R. (2011). **Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo**. São Paulo: Edições Loyola.

LOBATO, Monteiro. **Literatura Comentada**. São Paulo: abril Educação, 1981.

MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em 20 de maio de 2016.

MORAIS, Regis de. **Sala de aula, que espaço é esse?** São Paulo: Papirus, 1991.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo: brasiliense, 1994.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Aprender tem que ser gostoso**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da literatura na escola: Pesquisas x propostas**. São Paulo: Ática, 1995.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. São Paulo: Cortez, 1995.

ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Teodoro da (org.). **Leitura: Perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

## CAPÍTULO 6

### RECORTES DA OBRA A PARTE QUE FALTA EM UMA RELEITURA PARA ANÁLISE PSICANALÍTICA: DO OBJETO DE SATISFAÇÃO À BUSCA DA COMPLETUDE DO SUJEITO DESEJOSO

*Sheila Regina Oliveira*

*Maria Roberta Rodrigues de Souza*

#### RESUMO

O presente artigo objetiva analisar como a psicanálise considera o processo de constituição do sujeito, tendo como fio condutor recortes da obra *A parte que falta*, de Shel Silverstein, literatura de relevante aceitação para refletir sobre a procura constante pelo objeto de satisfação e completude, que impulsiona os sujeitos a irem à busca de algo, na tentativa de evitar entrar em contato com a falta. Para tanto, o percurso deste estudo é feito através da perspectiva da Psicanálise, sustentado no aporte teórico das obras de Freud, Lacan e seus comentadores, sendo, portanto, um artigo de revisão bibliográfica. Este irá discorrer sobre o objeto faltoso x sujeito desejoso: um embate na busca da completude; tratará sobre a castração do objeto libidinal: vivendo a falta que a falta faz; na sequência, abordará sobre o complexo de Édipo: desejos, castrações e traumas presentes na vida do sujeito. A escolha dessa temática, perpassa por trazer - à luz de uma história infantil- assuntos que dialogam com os textos teóricos da base psicanalítica, e que busca respostas que venham acalantar os que sofrem com as questões voltadas para a obra em questão. A discussão referente aos conceitos, ora tratados nesse trabalho, possibilitou compreendermos como esses aspectos vão se constituindo em nosso desenvolvimento. Contudo, podemos então concluir que há similaridades entre o livro de Shel, com a realidade vivida pelos sujeitos, em relação à busca da completude tão desejada.

**Palavras-Chave:** Falta X Completude; Desejo recalcado; Castrações; Constituição do sujeito; Psicanálise.

#### INTRODUÇÃO

Buscar algo que falta é diferente de buscar algo que completa. (Cláudia Pereira, 2018)

Não importa se o enredo é infantil, poético ou outra tipologia textual. Vale aquilo que esse venha transmitir nas sendas dos sentimentos e de que forma repercutem em nossa vida. O escopo aqui descrito, traz como exemplo, o desejo recalcado ressaltando que nas

abordagens psicanalíticas ora percorridas nessa pesquisa, apresentam diferentes possibilidades de funcionamento de vida.

É partindo desse pressuposto que a pesquisa aqui esboçada, que tem como título “Recortes da obra a parte que falta em uma releitura para análise psicanalítica: do objeto de satisfação à busca da completude do sujeito desejoso”, vem demonstrar que há a pretensão de refletir, dentro das teorias psicanalíticas, como se dá a relação entre o sujeito e o objeto de satisfação, o processo de castração e a fase do complexo de Édipo, e de que forma a historinha infantil em pauta apresenta tais temáticas.

Foi no percurso da formação em Psicanálise, que houve um despertar por se aproximar da temática que vislumbra a falta e a repercussão desta na vida psíquica dos sujeitos desejosos, que fez com que, houvesse a necessidade de apresentar aqui, leituras que possam instigar o leitor a compreender como acontece o processo da busca do objeto faltoso para saciar a insatisfação ocorrida no processo de castração, desde a primeira fase de desenvolvimento psicosssexual dos seres, até a sua ressignificação. As razões pelas quais me motivou a mergulhar nesse universo, se deu após conhecer o livro infantil *A parte que falta*, da autoria de Shel Silverstein - companhia das letrinhas - o qual traz, numa linguagem simples, a abordagem de um conteúdo tão profundo, voltado para os estudos da psicanálise.

A discussão ora elencada, permeia responder a questionamentos como: será que não estamos tão preocupados com aquilo que falta em nós, que acabamos não percebendo que, no dia a dia, e possível que tenhamos muitas vivências que nos completam? Será que, não é perceptível que o que buscamos para nos completar, está dentro de nós, e mesmo assim, a buscamos ainda no outro?

O intento de esboçar nesse trabalho a sustentação na busca de responder os objetivos da pesquisa, é também, melhor entender como se dão os processos psíquicos, com o intuito de compreender os motivos que levam os sujeitos, a se sentirem incompletos em meio a falta, e vivem numa constante busca da completude. Tal temática abordará questões voltadas para a os sentimentos que levam um adulto viver como ser faltoso e faltante, se assegurando de desejos que os tornam incompletos e insaciáveis, tendo como referencial teórico as abordagens na linha da Psicanálise Freudiana e Lacaniana entre alguns de seus contemporâneos.

Essa escrita irá perpassar por discussões voltadas para o fato de nunca estarmos satisfeitos com as arestas, faltas, vazios que nos cercam em meio a busca do autoconhecimento que nos leva a ser quem somos, “rolando” rumo a conquistas que trazem



respostas aos nossos questionamentos interiores e se descobrindo, como sendo a parte que falta em si mesmo.

Traremos aqui por meio de uma base teórica, uma pesquisa fundamentada nos escritos psicanalíticos, que respalde as respostas referentes a temática em questão, fazendo com que os futuros pesquisadores desse tema, encontrem aparato suficiente para sua compreensão. As fontes de investigação deste artigo, além da obra infantil, “*A parte que falta*”, da companhia das letrinhas, são basicamente artigos científicos, configurados como TCC de especializações específicas.

Para esta investigação, foram importantes as leituras de vários materiais, se utilizando de critérios para decidir os artigos a serem incluídos na revisão, tais como descritores, palavras-chave, ano da pesquisa e idioma. Portanto, nesta pesquisa, há estudos embasados nas escritas de Freud e Lacan, analisando, também, os escritos dos seguintes autores: Costa, 2010; Silverstein, 2013; Farias, Nantes e Aguiar, 2015; Násio, 2017; Santos, 2018; Oliveira e Barbosa, 2019; Miguel e Braga, 2021.

Contudo, é importante salientar que mesmo que o homem consiga, em algum momento, se ver completo porque encontrou o objeto faltante, e ainda assim, se sentirá faltoso e certamente precisará iniciar novas buscas pela parte objetual. Por essa razão, o sujeito estará fadado a não conseguir lidar com as neuroses de encontrar a felicidade tão sonhada, almejada, na certeza de que se for realmente a parte perfeita, não mais irá sofrer, como se a completude fosse um elixir que resolveria todos os seus problemas.

Salvo engano, a felicidade está nos momentos diários, na trajetória, nas decisões acertadas, nas descobertas do amor, nos compartilhamentos entre amigos, mas essa não se eterniza, não é para sempre, não é plena. Inevitavelmente, haverá um momento nas nossas vidas, em que a infelicidade, a angústia, a falta, ou algum trauma voltará a gritar dentro do ser. Assim, diante da complexidade da falta, foi que surgiu o interesse em desenvolver este trabalho.

Desta maneira, esse artigo, apresentará uma oportunidade de deslizar para dentro do Ser e desfrutar de suas faltas angustiantes. O livro do qual, aqui, trazemos alguns recortes, aborda a busca constante de um Ser Circular que sai pelo mundo a fim de encontrar sua parte faltante, onde enfrenta inúmeros obstáculos na tentativa de conseguir superar a falta que sente, tornando-o vazio infeliz e talvez por isso, esse livro consegue conversar com os leitores, de forma psicanalítica, fazendo-os analisar o porquê de se verem presos nesta falta real inquietante, estando satisfeito apenas com a completude que lhes é ideal.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O tema abordado nessa pesquisa discorre sobre de que maneira o sujeito desejoso se sente em meio a busca do objeto faltante, para conseguir trazer à tona a satisfação de desejos que lhe tragam, por meio de experiências vividas, a realização da completude em meio a vida psíquica.

Abordaremos essas ideias relevantes, perpassando por um referencial teórico, com literaturas psicanalíticas que servirão de base, tendo como linha de raciocínio os escritos em livros, revistas e artigos especializados em psicanálise, trazendo por tema: “Recortes da obra *A parte que falta* em uma releitura para análise psicanalítica: do objeto de satisfação à busca da completude do sujeito desejoso.”

A escolha dessa temática não tem a ver com os motivos pelos quais podemos nos deter em questionamentos possíveis de serem feitos pela maioria das pessoas, e sim para trazer - a luz de uma história infantil- assuntos que dialogam com os textos teóricos da base psicanalítica que busca respostas das quais venham acalentar os que sofrem com as questões voltadas para a buscar a parte que te falta.

O que trataremos nessa pesquisa se dará por meio da visão psicanalítica que nos traz o livro infantil, *A parte que falta*. Esse é uma das obras ilustradas e escritas pelo conhecido autor Shel Silverstein, e tem como público-alvo crianças, porém apesar de ser um escrito de leitura rápida e leve, olhando-o mais de perto, o livro traz em si mensagens dignas de reflexão, tanto que foi imprescindível para a realização desse trabalho.

A obra *A parte que falta*, traz, com descrições das cenas, uma narração da história de um círculo incompleto que está em uma busca incessante pela parte que lhe falta. E nessa sua busca “ele” viaja sozinho pelo mundo, numa trajetória de muito aprendizado, enfrentando intempéries e dificuldades, conhecendo animais, flores, paisagens, encontrando partes que, mesmo em meio a várias tentativas, não se encaixam nele. E na trajetória ele perde partes, tenta se encaixar em outras, encontra uma parte que diz não querer fazer parte dele e nem de ninguém e, muito cheia de amor próprio, diz que se sente completa em si.

“Ele” dá continuidade à sua jornada, até que, no percurso, está ali, uma parte que se encaixa perfeitamente na sua falta, mas dessa vez ele mostra que aprendeu a lição: finalmente “ele” dialoga com a parte encontrada antes de comemorar esse encontro e pensar que poderia simplesmente se conectar a ela. Desenvolveu um diálogo com a parte, para saber se ela é parte de alguém e se ela quer fazer parte dele. Um dos aprendizados é que a parte que o completa pode se integrar a ele, mas nem por isso deixaria de ser ela.

Essa foi uma leitura que me trouxe muitas reflexões acerca da vida, das buscas infundáveis das quais nos aventuramos por algo que acreditamos nos faltar. E que é possível descobrirmos nessa busca, algo que pode ser muito mais interessante e produtiva do que o objetivo em si. Além disso, muitas vezes ao alcançarmos o objeto da nossa busca percebemos, decepcionados, que não era como imaginávamos, e que, nem sempre, algumas conquistas e encontros nos mudam para melhor ou nos fazem mais felizes. Para o embasamento faremos um levantamento de conteúdos que serão refletidos com base em três títulos:

## **OBJETO FALTOSO X SUJEITO DESEJOSO: UM EMBATE NA BUSCA DA COMPLETUDE**

O estudo e reflexão quanto a temática desse capítulo evoca o sentimento humano da falta, da ausência de completude de cada ser consigo mesmo. Esse sentimento de incompletude assola grande parte da humanidade. Daí a necessidade de buscar fora, algo que está interno, na alma. É perceptível que durante o percurso e perante as escolhas, o ser sofrerá várias perdas, terá ações consideradas erradas e que provavelmente lhe trará dores.

No tocante ao que se reporta ao livro *“A parte que falta”*, há várias interpretações indizíveis que faz com que o leitor se reconheça como um ser faltoso ou que deseja ser preenchido e que, apesar de reconhecer essa verdade, não consegue deixar de procurar aquilo que o complete, fazendo com que a busca por completude, seja algo prioritário em sua vida, pois só assim encontrará a verdadeira felicidade e não sofrerá mais pela falta. Claramente, Freud (2011), comenta sobre os caminhos que nos levam a felicidade, quando diz:

O programa tornar-se feliz, que o princípio do prazer nos impõe não pode ser realizado, contudo, não devemos – na verdade, não podemos – abandonar nossos esforços de aproximá-lo da consecução, de uma maneira ou de outra. Caminhos muito diferentes podem ser tomados nessa direção, e podemos conceder prioridades quer ao aspecto positivo do objetivo, obter prazer, quer ao negativo, evitar o desprazer. Nenhum dos caminhos nos leva a tudo o que desejamos. A felicidade, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia da libido do indivíduo. (FREUD, 2011, p.91)

Como muito bem é explicado pelo Pai da Psicanálise, obter prazer, talvez seja um dos grandes segredos da vida: no dia em que deixarmos de buscar algo será um verdadeiro

jogo vencido, e isso significa que nada mais importa e de nada valerá a busca. Porém, a grande passada a ser dada nesta estrada que se chama vida, é não deixar de prestar atenção no percurso, nas relações que nos envolvemos, nos desafios que enfrentamos e nas vitórias que conquistamos – não importa qual seja o tamanho desse triunfo.

E, por assim dizer, muitas vezes, quando achamos que encontramos o que tanto nos faltava, vem a vida dizer que ainda há muito mais por ser descoberto. O fato de sempre estarmos buscando encontrar, a todo custo, aquilo que parece nos faltar, não significa dizer que somos uma pessoa insatisfeita ou infeliz, mas a forma como essa busca se dá é que faz toda a diferença. Já parou para pensar se você está buscando o que te falta ou o que te completa/complementa/preenche? E está tudo bem em estar sempre nessa busca. É algo nato no ser humano, afinal, somos dinâmicos, curiosos, inquietos, e por isso o tempo todo nos questionamos sobre o que faz ou não sentido para darmos continuidade ao trajeto, evitando o desprazer.

Notoriamente há um outro aspecto importante a fomentar que há uma certa ambiguidade, que é quanto o sujeito sofre, aprende, se realiza ou se frustra nessa busca e o quanto pode haver de superação e ressignificação. Essa ideia é demonstrada num recorte do livro de Shel, quando o ser percorre por sol escaldante, por frio intenso e mares sem fim em busca da parte que pensava lhe faltar.

Através de todas as aventuras vividas, esse ser, personagem principal do livro norteador dessa escrita, se depara com várias sensações, como desamores e dificuldades que não é suficiente para impedi-lo de tentar ser completo e encontrar a verdadeira felicidade. Freud (2011), em seu texto *O mal-estar da civilização*, comenta sobre erros, dizendo que, “de erro em erro, vai-se descobrindo toda a verdade”. Ora, o ser circular erra em várias escolhas antes de encontrar o que ele pensa ser a parte perfeita.

Aqui podemos trazer a reflexão que enaltece a falta sentida pelos sujeitos, resultando na busca incansável pelo objeto faltoso, e neste caso, tal objeto será o alvo direto do sujeito desejoso. Por isso, o trato dessa escrita, busca revelar as respostas para tais questionamentos: Como lidar com a falta? Como entender o sentimento de vazio por não encontrar o objeto desejado? Enfim, como se sentir totalmente feliz se não estiver completo?

Haja vistas que, conforme explicitado no artigo de OLIVEIRA e BARBOSA (2019), “o sujeito, por si só, não consegue, por algum motivo, lidar com suas faltas, causando-lhe dores e sentimentos reprimidos”.

Aqui impetra a falta que faz do homem um ser capaz de sentir angústias e sair em busca de conquistar a parte faltante, que o fará sentir-se completo. Então, o pensamento

permeia em outros questionamentos plausíveis a discussão: Para que querer ser completo? Por que não ser feliz com suas faltas?

Esse trabalho, atrelado a ideias de Lacan (1964) sobre a falta presente no sujeito não obstante, trata da angústia de forma a elucidar que seu aparecimento se dá quando a própria falta pode causar ao ser, dor e sofrimento.

O sujeito não pode se desenvolver preso ao desejo do Outro, é necessário se separar do Outro para se constituir a partir do seu próprio desejo. É a separação que torna o sujeito desejante, porque ao se separar do Outro sua falta é evidenciada e é a falta que move o sujeito em direção a realização do seu desejo (LACAN 1964).

Assim, a representação do não preenchimento de tal falta, não deixa explicitada a presença de angústia que o ser carrega para alcançar o objeto desejado e, dessa forma, aquilo que se considera completude, almeja a felicidade duradoura, sem intervalo para a tristeza. Durante essa busca do ser, o autor não deixa de fomentar, de forma indireta, que a felicidade não é algo palpável e muito menos constante, e que por mais que nos esforcemos, jamais conseguiremos preencher o vazio em sua totalidade.

Questionamentos diversos são elaborados mediante esse assunto, como os que se apresentam a seguir: Podemos nos referir a falta como um tipo de desprazer a ser evitado? Por que algumas pessoas não conseguem se sentir totalmente feliz? Será se não há uma preocupação exorbitante com aquilo que falta em nossas vidas, que chegamos ao ponto de não percebermos que, no dia a dia, passamos por muitos momentos, situações, fatos e circunstâncias que nos completam? Será que, mesmo em meio a várias literaturas, artigos e teorias sobre felicidade, confirmando que ela está dentro de nós, e ainda assim estamos constantemente buscando no outro?

Talvez, as respostas para essas perguntas estejam atreladas a total ambição por uma felicidade duradora, que causa conflitos aos seres, e que ao perceberem que essa felicidade e completude são ilusórias, causam decepções e traumas, tornando os sujeitos faltosos cada vez mais introspectivos e pouco sociais, pois a felicidade tão desejada aparece ao ser como sensação de prazer que e esta não é eternizada. O que me falta, onde buscar e o que buscar, até onde posso almejar a falta que existencialmente me impulsiona a ter, a ser, a sentir-se completo?

Daí vem uma nova pergunta inculcada no interno do ser desejoso: Por que eles conseguem e eu não? Por que para eles foi possível encontrar a felicidade e para mim é tão difícil?

Freud (2006) traz algo próximo das ideias atribuídas à busca pela felicidade novamente no livro, O Mal-Estar na Civilização, onde diz que: "... é difícil escapar à impressão de que em geral as pessoas usam medidas falsas, de que buscam poder, sucesso, e riqueza para si mesmas e admiram aqueles que os têm, subestimando os autênticos valores da vida..." (FREUD, 2006, p.09).

Para elucidar o dito anterior, OLIVEIRA e BARBOSA (2019) se reporta a completude se posicionando de forma a explicar que

O objeto de desejo, encontra-se isento de total significação, aliás, de toda e qualquer significação, desde que ele esteja presente em um lugar de falta por excelência, por escolha, por determinação e/ou por vontade própria, que não encontra sua base nem imaginário e nem no simbólico, este conceito refere-se, assim, a uma categoria formal. (OLIVEIRA e BARBOSA 2019, p.09)

No entanto, toda a questão da completude é pensada em suas relações com uma estrutura predominantemente ligada a substituição da falta por seu objeto de desejo.

### **A CASTRAÇÃO DO OBJETO LIBIDINAL: VIVENDO A FALTA QUE A FALTA FAZ**

Nesse título trazemos informações que abarcam conhecimentos suficientes a aceitar sua própria castração, buscando entender de que maneira haverá o desapego do objeto de desejo, ocasionando o sentimento de falta no sujeito desejoso.

Se o sintoma tenta preencher esta falta primordial, escondendo-se por trás da angústia, esta surge para reclamar seu lugar de constituição da verdade no sujeito - de que há falta. A angústia aponta uma superficialidade da verdade, da qual ela representa no âmbito da constituição do sujeito. Assim, a angústia não é o indicativo do aparecimento da falta, mas o indicativo de um perigo primordial: de que a falta que constitui o sujeito venha a faltar.

É possível vislumbrar isto mais claramente com a frase lacaniana que diz: "Aquilo diante de que o neurótico recua não é a castração, é fazer de sua castração, o que falta ao Outro". É fazer de sua castração algo positivo, ou seja, a garantia da função do Outro (LACAN, 1962, p.56).

Lacan (1962) afirma que quando este apoio falha, obscurecendo os contornos do objeto e do sujeito, surge à angústia. É por causa de certa insuficiência que o sujeito se estrutura, na medida em que o outro também porta esta mesma estrutura falha.

Assim,

o surgimento da angústia está ligado a uma pretensa completude do outro. O que provoca a angústia é tudo aquilo que nos anuncia que nos permite entrever que voltaremos ao colo. Não é, ao contrário do que se diz, o ritmo nem a alternância da presença-ausência da mãe. A possibilidade da ausência, eis a segurança da presença (LACAN, 1962, p.64).

A falta se faz provocadora do sujeito, porque é através do vazio que o sujeito se sente motivado e, sem perceber, a falta vai lhe fazer desejoso em conquistar sua totalidade, como se, mesmo completo, pudesse acabar com suas neuroses, inquietações, frustrações, angústias e desejos.

Fatalmente, em algum momento da vida, a infelicidade, a angústia, a falta, voltarão a gritar dentro do Ser fazendo-o entender que precisa novamente sair da zona de conforto para buscar a parte que falta. Afinal, a falta em questão traz ao Ser uma angústia que o leva a querer conquistar seu objeto de prazer, e foi diante da complexidade da falta foi que surgiu o interesse em desenvolver este trabalho.

O livro também dá exemplos de muitas perspectivas dialéticas que ao serem trabalhadas podem formular regras pessoais mais descritivas acerca das contingências e sem excluir características que aparentemente são opostas, como ganhos e perdas (em todo ganho há perdas e vice versa); completude e incompletude (a completude é temporária e ocorre em uma área da vida); rejeitar e ser rejeitado (dependendo das regras que controlam os comportamentos, somos rejeitados ou rejeitamos); saciedade e privação (quando se está saciado, há a privação de outros reforçadores); e durante as sessões com diferentes clientes podem surgir outras.

Esse objeto do mundo externo pode ser representado aqui pela mãe ou quem exerce a função materna, e mais especificadamente o seio, aquilo que lhe fornece alimento. O bebê não percebe um dentro e um fora, ele não tem a noção da mãe como um todo, segundo Freud (1915)

“Na medida em que os objetos externos oferecidos sejam fontes de prazer, eles são recolhidos pelo Eu, que os introjeta em si, e, inversamente, tudo aquilo que em seu próprio interior seja motivo de desprazer o Eu expelle de si”. É por esse motivo que se diz que no narcisismo primário tem-se um Eu purificado ou Eu do prazer e isso é fruto da incorporação do objeto que lhe causa satisfação que é do mundo externo. É a incorporação do objeto que vai desenvolvendo o Eu (FREUD, 1915, p. 158).

Por meio de um novo olhar sobre a maneira de entender as ideias por traz da história *A parte que falta*, demonstra que uma frustração pode ocorrer em forma de rejeição, e trata-se do sujeito do inconsciente, o sujeito barrado, constituído por meio dos processos de alienação e separação se sente em meio as faltas e busca da gratificação de tais desejos.

Esse livro consegue conversar com os adolescentes que se veem presos nesta falta inquietante. A falta promove um apoio ao sujeito, a possibilidade de tornar possível a construção de um saber de ir ao encontro do objeto desejado. Isso porque considera-se que a rejeição ocorre quando o sujeito se percebe como ser incompleto.

A falta sentida pelo homem resulta na busca pelo objeto faltoso, neste caso, o objeto será alvo direto do sujeito desejoso que busca conseguir encontrar a parte que lhe falta, podendo essa falta estar representada na falta constitutiva do sujeito. Como lidar com a falta, como entender o sentimento de vazio por não encontrar o objeto desejado, enfim, como se sentir totalmente feliz se não estiver completo. Haja vista que, o sujeito não consegue por algum motivo lidar com suas faltas, causando-lhe dores e sentimentos reprimidos.

### **O COMPLEXO DE ÉDIPO: DESEJOS, CASTRAÇÕES E TRAUMAS PRESENTES NA VIDA DO SUJEITO**

É de conhecimento dos estudiosos da área que, conforme a psicanálise, para que se possa desejar é imprescindível que haja falta. De acordo com a leitura de um texto da Infopédia (2003) que diz: “Assim sendo, poder-se-á assegurar que apenas existe desejo se houver castração”, nos leva a entender que essas e outras questões desse âmbito, carecem serem explicitadas claramente, para contribuir, cada vez mais, para o entendimento sobre desejos, castração, traumas e tudo que está em volta.

Temos que esclarecer aqui claramente características acerca dos desejos e da castração, pois isso se faz necessário para que possamos desmistificar bem como esvair toda e qualquer dúvida e incoerência que infelizmente se tem quando é abordado este conceito.

É por essas e outras razões que se torna essencial proceder com estudos a exemplo desse que se inscreve, numa possibilidade de contribuir de forma intencional e científica com as produções, e inegavelmente com a ampliação e novas potencialidade que são necessárias para uma compreensão acerca desse contexto envolvendo o complexo de Édipo e a castração.

Apontaremos nessa alínea como Freud caracteriza o que impulsiona a dissolução do Complexo de Édipo, demonstrando as consequências de uma sequência de acontecimentos decepcionantes na fase inicial da criança. Aqui, trataremos de abordar que a primeira decepção da criança seria a retirada do seio, e então o desapontamento em perceber a



diferenciação sexual a qual faz emergir a ansiedade da castração. Ora, a falta faz do homem um ser capaz de sentir angústias e sair em busca de conquistar a parte que o fará sentir-se completo, mas, porque ser completo, porque não ser feliz com suas faltas.

O resumo do artigo de MIGUEL e BRAGA (2021), traz um conceito esclarecedor sobre o complexo de Édipo, discorrido a seguir:

Complexo de Édipo é um processo constitutivo de todo sujeito, por meio do qual será desenvolvida sua estruturação psíquica, já que o conflito edipiano fica registrado no inconsciente de toda criança e persiste até o fim da vida. Vale lembrar que ao longo de seu desenvolvimento, o ego da criança vai sendo preparado para a castração por meio das diversas perdas que vai sofrendo, como o ventre da mãe, o seio materno e suas próprias fezes, surge então à ansiedade de castração que é justamente o medo de ser separado de um objeto valioso. (MIGUEL e BRAGA, 2021, p 01)

Compreendemos através desse estudo que o Complexo de Édipo, assim como o desejo, a castração e os traumas dessa fase têm sido cada vez mais pesquisado, no entanto, o que se percebe é que muitos estudos têm abordado esta temática sobre várias perspectivas, mas o que chama atenção é que ainda notam-se muitas divergências quanto ao assunto.

Para nós da psicanálise é muito importante compreender esses conceitos fundamentais que foram nos colocado não só de compreensão por meio da psicanálise e através da ideia de Freud mais também por teóricos como Lacan que fez um retorno ao trabalho de Freud.

Em contribuição a isso, faz-se necessário frisar que a conclusão dessa etapa envolve a identificação com o pai do mesmo sexo, o que acabaria por levar ao desenvolvimento de uma identidade sexual madura. De acordo com Freud o menino deseja possuir a sua mãe e substituir o seu pai, que a criança vê como um rival pelo afeto da mãe, o Complexo de Édipo ocorre na fase fálica do desenvolvimento psicosssexual entre as idades de 3 a 5 anos, a fase fálica serve como um ponto importante na formação da identidade sexual. Nesta concepção, de acordo com o entendimento de Farias, Nantes e Aguiar (2015):

O desejo do menino em relação à mãe acaba fazendo com que seja gerado certo conflito em relação ao pai, pois o menino acaba vendo o pai como um rival, e isso acaba fazendo gerar a figura de um pai que seja punitivo, aplicando-lhe castigos. Esse medo faz com que o menino acredite que a punição que o pai lhe aplicará será referente aos seus órgãos genitais, já que eles são a fonte do desejo sentido pela mãe. Esse medo justifica-se por acreditar que o rival tire os órgãos genitais por ciúme, e isso leva o menino ao medo da castração, que faz com o menino comece a reprimir o desejo sexual que apresenta em relação à sua mãe [...] (FARIAS; NANTES; AGUIAR, 2015, p. 9).

À medida que estudamos entendemos que toda frustração ocorre em meio a rejeição, que é considerada como um punidor condicionado generalizado. Essa rejeição ocorre quando uma parte relata que não é inteira e não quer fazer parte do personagem. Nesta ocasião, há o exemplo do seguimento de uma regra pela parte diferente da que o personagem segue e pode ser um exemplo para ressaltar na terapia diferentes possibilidades de funcionamento de vida. A parte que o rejeita é bem menor que o personagem, o que supostamente não seria esperado, e questionar acerca do que momentos que o cliente já se sentiu desta forma. Deixar o cliente nomear o possível sentimento do personagem pode ser valioso na medida que se pode definir operacionalmente tal sentimento.

Ainda em relação ao caráter incestuoso da sexualidade infantil ao estabelecer o seio materno como sendo o primeiro objeto sexual e, no percurso do desenvolvimento da criança, usar da afinidade com objeto como base para as relações que são construídas amorosas tem, como direção, ser barrado. Além disso, por exigências culturais-sociais, esses desejos sexuais que são construídos pela mãe serão concentrados por determinações da norma social que impede que o presente desejo sexual seja materializado. A obra “Totem e Tabu” datada de (1913), explicita de forma mais contextualizada essa abordagem sobre o impedimento da materialização de um possível desejo sexual infantil, a obra é apresentada por Freud. De acordo com o pensamento de Costa (2010) no que se refere ao efeito traumático está atrelado devido à criança ser confrontada,

[...] passivamente com a sexualidade do adulto. Através dos cuidados e do desejo maternos, a criança será introduzida no campo da sexualidade, pois é pelo contato com a mãe, ou de seu substituto, que o corpo do bebê será erogeneizado. Mas a revolucionária posição freudiana só será apreendida, em todo o seu alcance, nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, quando Freud pôs em xeque as concepções moralizantes sobre a atividade sexual das crianças, algo que já havia sido acenado na correspondência com Fliess. Desse modo, Freud apresentou ao mundo uma nova criança, dotada de uma sexualidade reverso-polimorfa (COSTA, 2010, p. 18).

O sujeito representado aqui pelo Ser Circular no livro de Shel, vem trazer essa angústia ao longo da sua caminhada pela completude. Como ele caminhava ao encontro da parte e não conseguia encontrá-la, fazia pelo caminho várias amizades dentre elas, a minhoca, a flor, o besouro e enfim, a melhor parte hora de todas, quando a borboleta pousava em sua cabeça, e mesmo assim seguia em frente, arriscando-se por oceanos, pântanos e matagais e continuava a rolar e a rolar.

Assim, como a angústia está presente no sujeito faltoso, o desejo também está muito presente no sujeito, principalmente, porque é através de falta que o desejo aparece e, um dia, essa dor chegue ao fim e que por assim dizer, quando encontrar por definitivo a única coisa que precisa para ser feliz, a parte perfeita.

Importa saber que o conceito de castração na psicanálise, não representa à hábitos habituais de mutilação dos órgãos sexuais masculinos, entretanto indica uma experiência psíquica completa, de maneira inconsciente vivida pela criança em torno dos 5 anos de idade, e determinante para a efetivação da sua futura identidade sexual. É importante entender que o complexo de castração não se restringe a um mero momento cronológico na sexualidade infantil. Ampliando um pouco mais sobre o conceito de castração, sobre a ótica de Santos (2018):

A castração não deixa de ser um corte, uma perda simbólica, possibilitando a saída da criança do narcisismo ingressando-o em um novo tempo, sendo esse do reconhecimento do outro. Para Freud a castração tem referência nos tempos da horda primitiva, na qual os filhos eram castrados pelo pai, para este, poder possuir todas as mulheres para si. Vivências de desmame e a separação da criança da mãe ao nascer irão se produzir em uma relação dual entre este filho e a mãe. As vivências de castração acontecem quando um terceiro entra nesta relação, proibindo a ligação dual da mãe com o filho (SANTOS, 2018, p. 24).

Problematizando ainda mais a discussão sobre o conceito de castração, Nasio (2017) em sua obra Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa:

O complexo do qual nenhuma criança escapa” diz que: Em que consiste então a castração? Ela é acima de tudo a ideia de um perigo, o perigo imaginário inventado por um neurótico e que ele deve imperiosamente afastar. É ao querer salvaguardar seu ser vital e estar sempre de prontidão que o neurótico sofre por ser neurótico. Por conseguinte, é sempre o medo da castração, e nunca a castração em si, que está na origem dessa crispação que é o sofrimento neurótico (NASIO, 2017, 109).

Ele constata que é incapaz de realizar seu desejo, incapaz de suprir suas faltas e é neste instante, que o Ser é retirado do casulo do desejo, sendo obrigado a se transformar em “novo adulto” e fora do padrão social, se vendo num processo doloroso de marginalização e de desigualdades. A partir desse insight social é que o Ser se depara em meio há vários conflitos pessoais que o faz repensar no que de fato deseja e em algumas situações perde a esperança de um recomeço que vem forçá-lo a questionar sua vida e não conseguir superar suas faltas.

Compreendemos através do estudo desse artigo que os termos Complexo de Édipo assim como a castração tem sido cada vez mais pesquisado, no entanto, o que é mais relevante é o fato de que ainda nota-se muitas divergências quanto ao assunto. Destarte,

para nós da psicanálise é muito importante compreender esses conceitos fundamentais que foram nos colocados não só de compreensão por meio da psicanálise e através da ideia de Freud mais também por teóricos como Lacan que fez um retorno ao trabalho de Freud.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amo a falta que me faz buscar;  
Amo a falta que me faz sofrer;  
Amo a falta que me faz feliz;  
Enfim, a falta é para mim um desejo  
da falta que nunca deixará de existir.  
(Renata Mercês, 2019)

Vimos no livro *A parte que falta*, que a conquista pelo objeto desejado traz uma completude falsa e ilusória descrita em alguns momentos durante a leitura do livro de Shel Silverstein. É notória a conversa do livro com os adolescentes sobre suas faltas contribuindo para uma análise reflexiva de seus desejos, já que o desejo está sempre relacionado com a falta. O ser humano é intenso, repleto de desejos e vontades motivadas pela falta mesmo que o vazio lhe traga angústias, frustrações e negações, ele permitirá seguir em frente. Sem a falta, o adolescente permanece no impasse que o fará sem expectativas, já com a falta, o adolescente se sentirá vivo, com desejo de movimentar. Nesse sentido, a experiência psicanalítica visa conduzir o sujeito o mais longe possível na construção de algo novo, apesar das determinações do inconsciente.

Em vários momentos dessa escrita, foi pontuada a importância do Ser em perceber a falta e a angústia que o invade, permitindo que em meio as suas faltas, consiga ir “rolando” e seguir em frente para alcançar o objeto de satisfação. A discussão realizada nessa pesquisa, acompanhada da leitura sobre o sujeito faltoso, sustenta à perspectiva de como a psicanálise pode colaborar para um melhor entendimento do sujeito em relação as suas faltas. O que se propôs refletir nesse trabalho foi exclusivamente a falta presente a partir da obra literária, *a parte que falta*, comparando as experiências registradas com recortes da obra, linkadas às contribuições dos teóricos sobre a angústia, desejo, completude. Desta maneira, espera-se ter alcançado ótimos resultados à cerca da falta, já que ela jamais deixará de existir enquanto houver vida. Em resumo, cada um de nós, pode sim alcançar o objeto de satisfação, mas sempre continuará sendo faltoso, pois, nem sempre as partes que acreditamos nos pertencer realmente nos fazem bem ou se encaixam em nossas vidas.

Algumas delas não são necessárias, nem querem fazer parte de nós, ou podem simplesmente ser partes completas em si.

Neste sentido, a discussão sobre esses conceitos ora tratados nesse trabalho, possibilitou compreendermos como esses aspectos vão se constituindo em nosso desenvolvimento. Cada termo aqui descrito, traz inúmeros aspectos dos quais não foram abordados, devido à complexidade para tal, ficando em aberto o estudo mais aprofundado de cada um podendo-se concluir, com isso, que a formação do sujeito para a Psicanálise, não é de forma alguma algo simples, visível ou palpável.

Mesmo que na literatura possua uma variedade de estudos sobre esses conceitos é importante desvelarmos outras óticas que estão sendo forjadas para nos ajudar a entender cada vez mais sobre esse universo, o que contribui significativamente para outras produções bem como para o conhecimento de outros pesquisadores, leitores e especialistas que incansavelmente tem corroborado para desmistificar a compreensão sobre esses conceitos de forma compromissada.

Portanto, é cabível conceber que a falta, jamais deixará de existir enquanto, no sujeito, houver vida. Em resumo, podemos concluir que o ser pode até alcançar, em algum tempo, o seu objeto de satisfação, mas sempre continuará sendo faltoso em outros aspectos.

Diante de tudo o que já foi exposto, podemos então perceber que há similaridades entre o livro de Shel, com a realidade vivida pelos sujeitos, em relação à busca da completude tão desejada.

E, essa busca pode ser perceptível diante de inúmeras situações tais como em relacionamentos amorosos ou pelo desejo da beleza exigida pelas redes, os quais só fazem os sujeitos sofrerem.

Assim, constata-se que é incapaz de realizar seu desejo, incapaz de suprir suas faltas e é neste instante, que o ser é retirado do espaço reservado ao desejo, sendo obrigado a se transformar nos seres desejosos que somos, vendo-se num processo de dor, de desigualdades e de sensação falta constante. A partir dessa reflexão é que o ser desejoso se depara conflituosamente com o ser faltante e isso o faz repensar no que de fato lhe traz completude para recomeços que vêm forçá-lo a questionar sua vida e não conseguir, desejosamente, superar suas faltas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Terezinha. **Édipo. São Paulo:** Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2010.

FARIAS, Thaiz Maria da Silva; NANTES, Elaine da. Silva; AGUIAR, Sirlei Maria de. **Fases psicosexuais freudianas. Simpósio Internacional de Educação Sexual: Femininos, identidade de gênero e políticas públicas**, Universidade Estadual de Maringá, 2015. Acesso em: 06/01/2020. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/698.pdf>.

FREUD, Sigmund. **Os instintos e suas vicissitudes** (1915). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14, p. 115-144.

\_\_\_\_\_. **O Estranho**. 1919. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Mal-Estar na Civilização** 1856-1919 In: FREUD, S. tradução Paulo César de Souza; 1ª ed. – São Paulo: Penguin Clássica Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **O Futuro de uma ilusão, o Mal-estar na Civilização e outros trabalhos** 1927- 1931; vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LACAN, Jaques. (2005). **O seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora. (Originalmente publicado em 1962)

\_\_\_\_\_. (2008). **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Apresentação oral em 1964).

\_\_\_\_\_. **Revista do Departamento de Psicologia** - UFF, v. 17, n. 1, p. 113-127, jan./jun. 2005.

MIGUEL, Joelson Rodrigues; BRAGA, Heuthelma Ribeiro. **Édipo e castração: aspectos atinentes a constituição do sujeito ID on line**. *Revista de psicologia* (ISSN: 1981-1179) VOL. 15, Nº 57, [consult. 2022-04-15 13:53:06]. Disponível em <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3239>.

NASIO, Juan David. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2017

OLIVEIRA, Renata Mercês de; BARBOSA, Cleonice de Faria. **A falta presente no sujeito a partir da obra a parte que falta**, 2019

PORTO EDITORA – **Complexo de castração na Infopédia [em linha]**. Porto: Porto Editora. 2003 [consult. 2022-04-15 13:53:06]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$complexo-de-castracao](https://www.infopedia.pt/$complexo-de-castracao).

SANTOS, Emily Freitas dos. **Reflexões acerca do conceito de castração no contemporâneo. Monografia (Bacharelado em Psicologia)** - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Ijuí/RS, 2018.

SILVERSTEIN, Shel. **A parte que falta**. [Tradução Alípio Correa de Franca Neto]. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

## ÍNDICE REMISSIVO

Análise Psicanalítica, 5

Atendimento Psicanalítico, 5

Completude do Sujeito Desejoso, 6

Consciência de Culpa, 5

Consciência Moral, 5

Constituição Psíquica do Sujeito, 5, 56

Contos de Fadas, 5, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 68, 69

Dependência Química, 5

Psicanálise, 4, 5, 6, 8, 13, 14, 19, 20, 21, 31, 35, 38, 49, 56, 57, 58, 60, 61, 69, 70, 72, 73, 77, 86

Releitura Psicanalítica, 5

Sexualidade, 5, 23



ISBN 978-655376285-5



9

786553

762855